



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Mestrado em Arquitectura Paisagista

Trabalho de Projecto

Projecto de recuperação do Jardim da herdade do Paicão – Évora
Estudo prévio

Berenike Birke Katharina Lemper

Orientador:

Aurora da Conceição Parreira Carapinha

*“Este Trabalho de projecto inclui as críticas e sugestões feitas
pelo Júri”*

Dezembro 2011

Mestrado em Arquitectura Paisagista

Trabalho de Projecto

**Projecto de recuperação do Jardim da herdade do Paicão – Évora
Estudo prévio**

Berenike Birke Katharina Lemper

Orientador:

Aurora da Conceição Parreira Carapinha

*“Este Trabalho de projecto inclui as críticas e sugestões feitas
pelo Júri”*

Para os meus pais e irmãos

Agradecimentos

Quero deixar os meus profundos agradecimentos à Professora Aurora Carapinha, não só pela orientação desta tese, como também pelo apoio ao longo de todo o trajecto académico, que muito contribuiu para o meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Expresso também os meus agradecimentos aos proprietários da herdade do Paicão pela simpatia, disponibilidade e vontade de ajudar que sempre demonstraram.

Agradeço todo o apoio recebido pelos amigos, colegas e família, que sempre me encorajaram na elaboração deste trabalho.

Agradeço ainda ao Pedro, que sempre me apoiou, especialmente nos momentos mais difíceis da realização deste trabalho.

A todos, muito obrigada!

Resumo

O projecto de recuperação do jardim da Herdade Paicão surge a partir do reconhecimento por parte dos proprietários do estado de degradação do jardim, pretendendo-se, ainda, que este se integre num futuro projecto de turismo rural da Herdade. O objectivo é desenvolver um estudo prévio para uma proposta de recuperação que preserve o carácter do lugar, transformando-o num espaço multifuncional. Para tal, foi necessário realizar uma análise profunda do local, através do estudo dos vários sistemas compositivos, e de fontes bibliográficas, de modo a perceber o espaço e criar uma proposta adequada ao local. Consideramos que o estudo prévio, agora apresentado, responde aos objectivos propostos, enaltece o carácter do lugar e valoriza o local como elemento único na paisagem alentejana.

Abstract

Restoration Project for the garden of Herdade Paicão – Évora – *Preliminary Study*

The restoration of the garden from the herdade “Paicão” arises from the awareness of the owners as the garden is in a bad conservation state, and will be part of a bigger project which will include rural tourism. The objective is to create a project which preserves the character of the place, while transforming it into a multifunctional space. To achieve this it was necessary to research bibliographic data, and to proceed on site with a profound system study, to create an accurate and justified project. We considerate that the project responds to the objectives proposed, as it also enhances the place’s unique character adding value to the alentejano landscape.

Preâmbulo

Este trabalho foi elaborado no âmbito do programa *Vale a pena ser Mestre*, que facilita a obtenção do grau de Mestrado por parte de alunos que concluíram a licenciatura segundo o plano de estudo pré-Bolonha.

O estudo prévio que agora se apresenta surgiu através do contacto estabelecido pelos proprietários, com a Universidade de Évora. Este projecto integra-se num programa mais amplo – *Crie Montado* – que procura retomar a multifuncionalidade da paisagem ao nível de algumas Herdades Alentejanas.

É com este objectivo que um grupo de proprietários se organizou, apostando em diversas actividades como a agricultura, recreio, turismo rural, reequilíbrio pessoal, educação ambiental e criação de emprego. Partiu, então, da parte de um proprietário, o pedido de um projecto de recuperação da Quinta, inserida na herdade do Paicão. Uma vez que nesta herdade já estão a decorrer projectos no âmbito da agricultura e turismo rural, torna-se ainda mais relevante a requalificação da quinta, para uma maior fruição deste espaço como conjunto. Apresenta-se um estudo prévio para a requalificação da Quinta, preservando os valores culturais, paisagísticos e biofísicos, e adaptando-o à sua nova função de apoio ao turismo rural, recreio e reequilíbrio pessoal.

Refira-se ainda que aquando do início do estudo prévio, se definia o presente projecto como “Projecto de recuperação do Jardim da Herdade do Paicão – Évora – Estudo prévio”. Durante o processo de análise ao local, percebeu-se que a área de intervenção abrangia não apenas o jardim, mas sim, uma grande parte da quinta, onde se insere o jardim. Deveria então o projecto intitular-se “Projecto de recuperação da Quinta da Herdade do Paicão – Évora – Estudo prévio”, mas tal alteração do título já não foi possível.

Conteúdo

Agradecimentos	II
Resumo.....	III
Abstract.....	III
Preâmbulo	IV
Índice de figuras	VII
Introdução.....	1
Metodologia	2
Limitações e obstáculos	3
1. Análise e caracterização da área de estudo.....	4
1.1. Localização e análise geográfica	4
1.2. Caracterização Edafo-climática.....	5
1.3. Caracterização Paisagística	7
1.4. A Quinta – breve história e organização.....	9
2. A Quinta no contexto da herdade.....	13
2.1. Sistema de relevo.....	16
2.2. Sistema de vegetação	19
2.2.1. Levantamento da vegetação	19
2.3. Arquitecturas de fruição	32
2.4. Sistema de percursos	35
2.5. Sistema hídrico e hidráulico.....	38
2.6. Os elementos construídos	42
2.7. Vistas e relações físicas e emotivas	45
3. Conceito	49
4. O Projecto.....	51
4.1. Peças desenhadas	51
4.2. Linhas gerais de intervenção	52
4.3. Memória descritiva e justificativa.....	52
4.4. Medidas cautelares.....	61
4.5. Plano de gestão.....	62

5. Conclusão	65
6. Bibliografia	68
Dicionários	69
Documentos	69
Web	69
7. Anexos	70

Índice de figuras

<i>Figura 1 - Localização da Herdade Paicão</i>	4
<i>Figura 2 - Inserção do monte e da quinta do Paicão no relevo mais próximo. Esc 1:25000</i>	6
<i>Figura 3 - Corte Oeste - Este da figura 2. Escala 1:12500.</i>	6
<i>Figura 4 - Corte Sul - Norte da figura 2. Escala 1:12500.</i>	7
<i>Figura 5 - Fotografia aérea da Herdade. Consultada a 25.05.2010, às 15:34h. (Fonte: Google maps ©2010 Google – Imagens ©2010 DigitalGlobe, GeoEye, IGP/DGRF)</i>	8
<i>Figura 6 – Carta cadastral com informação das diferentes áreas constituintes da herdade. (Fonte: Instituto Geográfico Português – Informação cadastral – Campanha de 1951)</i>	10
<i>Figura 7 - Fotografia aérea da quinta. Consultada a 25.05.2010 às 15:40. (Fonte: Google maps ©2010 Google – Imagens ©2010 DigitalGlobe, GeoEye, IGP/DGRF)</i>	13
<i>Figura 8 – Levantamento topográfico sobreposto à fotografia aérea da quinta. Consultado a 27.05.2010 às 10:30h. (Fonte: Google maps ©2010 Google – Imagens ©2010 DigitalGlobe, GeoEye, IGP/DGRF.)</i>	15
<i>Figura 9 – Corte esquemático.</i>	16
<i>Figura 10 – Corte esquemático.</i>	17
<i>Figura 11 – Sebe em vegetação exótica</i>	21
<i>Figura 12 – Pomar de laranjeiras - exótica</i>	21
<i>Figura 13 - Eixo pedonal com vegetação autóctone</i>	21
<i>Figura 14 – Corte esquemático</i>	22
<i>Figura 15 – Mata com vegetação autóctone</i>	22
<i>Figura 16 – Zona do buxo - exótico</i>	22
<i>Figura 17 - Arco em buxo – topiária - ornamental</i>	25
<i>Figura 18 – Jardim de buxo - ornamental</i>	25
<i>Figura 19 – Desenho do jardim de buxo</i>	26
<i>Figura 20 – Zona de mata</i>	27
<i>Figura 21 - Margens da ribeira do Paicanito</i>	27
<i>Figura 22 - Pomar degradado e sebe com espécies infestantes</i>	28
<i>Figura 23 – Zona de pomar</i>	28
<i>Figura 24 – Campo de cereal e mata</i>	29
<i>Figura 25 – Estrutura de atravessamento</i>	32
<i>Figura 26 – Percurso delimitado por sebes</i>	35
<i>Figura 27 – Percurso delimitado por massa densa de vegetação</i>	35
<i>Figura 28 – Percurso na zona de pomar sem limite físico definido</i>	36
<i>Figura 29 – Vala de drenagem</i>	38
<i>Figura 30 – Torneira para controlo de caudal na rega</i>	38
<i>Figura 32 – Corte esquemático de parte do sistema hidráulico.</i>	39
<i>Figura 31 – Elemento de fruição associado a um elemento de armazenamento de água</i>	39
<i>Figura 33 – Caleira de escoamento, estrutura de condução de água</i>	40
<i>Figura 34 - Mãe-de-água, estrutura de captação de água</i>	40
<i>Figura 35 – Estrutura inactiva de transporte de água</i>	40
<i>Figura 36 – Edifício principal da Quinta</i>	42
<i>Figura 37 – Muro que cerca parcialmente a Quinta</i>	42
<i>Figura 38 – Relação visual entre a mata e a zona de produção</i>	45
<i>Figura 39 – Percurso recto contido entre sebes</i>	46
<i>Figura 40 – A mata como pano de fundo do pomar</i>	46
<i>Figura 41 – Relação visual com o exterior da Quinta</i>	46

<i>Figura 42 – Relação visual de um ponto mais elevado do espaço.</i>	47
<i>Figura 43 – Flor da Camellia japonica</i>	49
<i>Figura 44 – Localização dos elementos do inventário do património Arquitectónico e Arqueológico Concelhio, na herdade do Paicão (Fonte: PDMÉvora•Planta complementar do ordenamento – Património Arquitectónico e Arqueológico Concelhio, elaborado em Dezembro de 2007)</i>	73
<i>Figura 45 – Elemento construído B1</i>	74
<i>Figura 46 - Elemento construído B2</i>	74
<i>Figura 47 - Elemento construído B3</i>	74
<i>Figura 48 - Elemento construído B4</i>	74
<i>Figura 49 - Elemento construído B5a</i>	74
<i>Figura 50 - Elemento construído B5b</i>	74
<i>Figura 51 - Elemento construído B6</i>	74
<i>Figura 52 - Elemento construído B7</i>	74
<i>Figura 53 - Elemento construído B8</i>	74
<i>Figura 54 - Elemento construído B9</i>	74
<i>Figura 55 - Elemento construído B10</i>	74
<i>Figura 56 - Elemento construído B11</i>	74
<i>Figura 57 - Elemento construído B12</i>	74
<i>Figura 58 - Elemento construído B13</i>	74
<i>Figura 59 - Elemento construído B14</i>	74
<i>Figura 60 - Elemento de água A1</i>	74
<i>Figura 61 - Elemento de água A2</i>	74
<i>Figura 62 -Elemento de água A3</i>	74
<i>Figura 63 - Elemento de água A4</i>	74
<i>Figura 64 - Elemento de água A5</i>	74
<i>Figura 65 - Elemento de água A6</i>	74
<i>Figura 66 - Elemento de água A7</i>	74
<i>Figura 67 - Elemento de água A8</i>	74
<i>Figura 68 - Elemento construído C1</i>	74
<i>Figura 69 - Elemento construído C2</i>	74
<i>Figura 70 - Elemento construído C3</i>	74
<i>Figura 71 - Elemento construído C4</i>	74
<i>Figura 72 - Elemento construído C5</i>	74
<i>Figura 73 - Elemento construído C6</i>	74

Introdução

A Herdade do Paicão localiza-se entre Évora e Montemor-o-Novo, na zona de transição entre a planície eborense e a Serra de Monfurado.

A pedido dos proprietários, pretende-se desenvolver um estudo prévio que responda aos objectivos por eles propostos, como o retomar da multifuncionalidade da paisagem à escala da exploração. Esta multifuncionalidade transporta-se para a realidade através da aposta em várias vertentes como a produção agrícola, produção agro-florestal, produção animal, turismo rural, recreio e reequilíbrio pessoal.

Assim, os objectivos deste projecto de recuperação prendem-se com a vertente de recreio, reequilíbrio pessoal e alguns aspectos de produção. O espaço de intervenção localiza-se na quinta da herdade – zona de produção – e engloba tanto zonas de produção como o pomar e o campo de cereal, como a zona de recreio e jardim. É nestas zonas da quinta que se pretendem recriar condições que estimulem os aspectos referidos. É então através da recuperação de um sistema conciso de percursos, de um sistema de vegetação bem definido, e de vários pontos de reflexão e fruição, que se pretende criar um espaço apelativo ao recreio e ao reequilíbrio pessoal. Através da recuperação dos pomares e da zona de horta e de cultivo de cereal, recupera-se também alguma vertente agrícola e de produção da quinta e da herdade em estudo.

Define-se então uma metodologia que pretende por em prática estes objectivos definidos.

Metodologia

Com a metodologia escolhida pretende-se definir, concisa e claramente, os diferentes passos a seguir, de modo a atingir os objectivos propostos. O presente estudo desenvolveu-se então a partir dos seguintes momentos:

- Iniciou-se por uma análise geral da quinta: localização e inserção na envolvente;
- Procedeu-se a uma análise edafo-climática e biofísica, a partir da carta militar e da carta de solos;

- Realizou-se uma análise paisagística, através da caracterização e inserção da área em estudo na paisagem envolvente, com recurso à fotografia aérea, cortes esquemáticos e pesquisa bibliográfica;

- Enquadramento da herdade no seu contexto histórico-socio-cultural, pelo que se estudou a contextualização histórica das herdades, o conceito de quinta no contexto da herdade, e a relação entre os espaços, recorrendo a bibliografia adequada e à fotografia aérea.

- Procedeu-se a uma análise detalhada de toda a quinta, ao nível de vários sistemas, desenvolvendo um texto analítico e crítico sobre cada um destes. Anotaram-se também os estados de conservação dos sistemas, e propõem-se algumas medidas de modo a mitigar algumas degradações observadas.

- Após esta análise surgiu o conceito de intervenção e a enumeração de medidas gerais de intervenção que visam a recuperação da quinta.

- Para elaborar a proposta de recuperação, ao nível do estudo prévio, foi necessário proceder ao levantamento detalhado da vegetação, através de várias visitas ao local e identificação de espécies, e um levantamento dos elementos construídos, com recurso à fotografia, dando indicação do seu estado de conservação.

- A peça desenhada é ainda acompanhado por uma memória descritiva e justificativa, um plano de plantação e por um plano de gestão. O plano de gestão foi elaborado tendo em conta tanto a evolução e o envelhecimento da vegetação, como a utilização futura que este espaço irá acolher.

Esta metodologia foi elaborada através de pesquisas bibliográficas de obras de vários autores,⁽¹⁾ após a qual se elaborou a metodologia apresentada, uma vez que esta se resume como sendo a que melhor se adequa ao objecto em análise.

⁽¹⁾ Para rever metodologias de intervenção em espaços históricos, sugere-se Matos (1999), Feliù (1996) e Choay (2000).

Limitações e obstáculos

Apresentam-se neste capítulo as principais limitações e obstáculos que foram surgindo ao longo do trabalho, tanto de campo como de gabinete.

A falta de material adequado para o levantamento da vegetação dificultou bastante o levantamento da vegetação, uma vez que com a ajuda de equipamentos electrónicos seria possível determinar a localização exacta das espécies identificadas.

Também um estudo arqueológico teria sido útil, de modo a confirmar a localização de alguns elementos de condução de água subterrâneos, e de algumas caleiras de distribuição de água. Considera-se que será necessário também realizar um estudo histórico mais aprofundado da Herdade em estudo.

Estes aspectos serão imprescindíveis tanto para a realização de um projecto de recuperação mais consistente e mais justificado, assim como para o projecto de execução. Para uma fase mais avançada de projecto, será necessário corrigir estes aspectos, através da criação de uma equipa de intervenção composta por peritos de várias áreas, como historiadores e arqueólogos, entre outros.

1. Análise e caracterização da área de estudo

Neste capítulo apresenta-se a análise realizada à herdade do Paicão, de forma a compreender a estrutura da herdade e da quinta. Esta análise pretende focar a localização e análise geográfica da Herdade, estudos edafo-climáticos, paisagísticos, históricos e a inserção do espaço de intervenção na herdade em si.

1.1. Localização e análise geográfica

A herdade do Paicão localiza-se a cerca de 15km da cidade de Évora, a Oeste desta. A proximidade à estrada nacional (2km) e à auto-estrada (6km), proporciona acessos rápidos a diversas vias de comunicação importantes. A herdade situa-se no limite da Serra de Monfurado, e está inserida da unidade de paisagem 103 – Serra de Monfurado. (Cancela d'Abreu 2004) Esta zona representa um elemento importante na paisagem alentejana, uma vez que é esta serra que separa a bacia hidrográfica do Rio Sado e do Rio Tejo, e cuja importância e influência na paisagem será abordada mais adiante. (Veja figura 1)

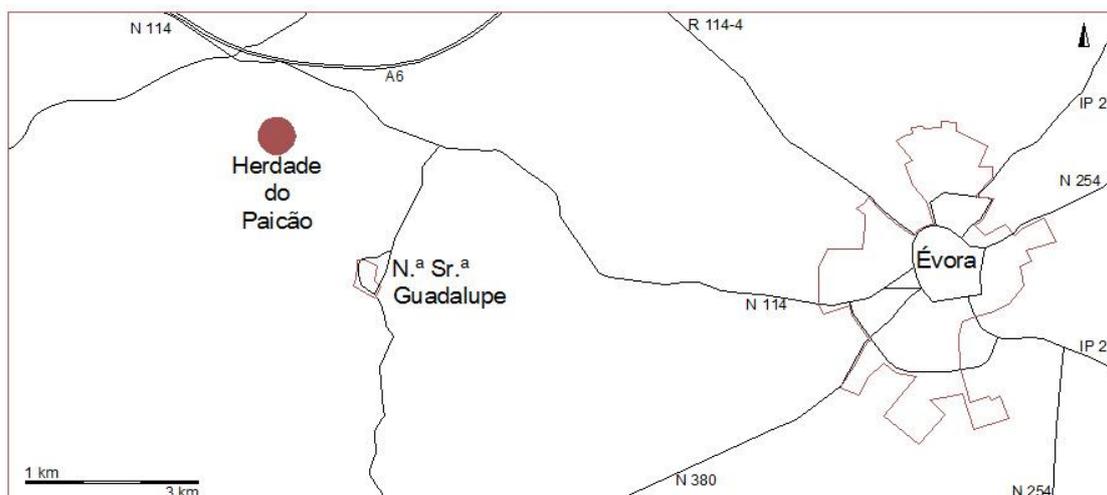


Figura 1 - Localização da Herdade Paicão

De modo a compreender os objectivos de desenvolvimento do município nesta zona, foi consultado o Plano Director Municipal de Évora (PDME) em vigor. Na carta de Ordenamento verificou-se que a herdade se insere num espaço de protecção ambiental, nomeadamente numa zona de especial valor patrimonial. Estas zonas são descritas no artigo 125º, 126º, 128º e 129º do regulamento do PDME, e estão sujeitas a determinadas interdições e deveres, descritas nos artigos referidos no Anexo I. De acordo com a carta de condicionantes, a herdade encontra-se numa área com risco de erosão, o que poderá condicionar algumas acções, porém não directamente relacionadas com a recuperação da quinta. Segundo esta mesma carta, a zona de

especial valor patrimonial referida anteriormente, refere-se ao Sítio de Importância Comunitária de Monfurado. (veja-se descrição do artigo 130º do regulamento do PDME – Anexo I).

A carta Complementar ao Ordenamento identifica na herdade do Paicão diversos Sítios ou Estruturas: Sítios ou estruturas de reconhecido valor a classificar (A_1), Sítios ou estruturas de potencial Valor Patrimonial ou Científico (A_2), Sítios ou Estruturas Insuficientemente caracterizados (A_3), e a herdade em si como Edificação de valor Patrimonial (E_3) e como Quinta de Recreio e/ou Produção (V_2). A descrição pormenorizada e a localização de cada um destes sítios encontram-se no anexo II e representa informação recolhida do Anexo IV do regulamento do PDME.

1.2. Caracterização Edafo-climática

O clima da região de Évora caracteriza-se por Continental, subtipo Subcontinental. Insere-se assim, segundo Cabral e Telles 2005, no carvalhal da zona húmida quente. Esta zona caracteriza-se então por estações bem demarcadas, um inverno moderado a fresco, e um verão quente a muito quente e seco, apresentando-se um pouco mais húmido nas serras. Esta situação mais húmida também se verifica na área de estudo, uma vez que esta zona já se encontra na transição para a serra de Monfurado.

Os solos presentes na herdade são solos litólicos não húmicos de granitos ou rochas afins, e solos litólicos húmicos de microgranitos ou rochas cristalofílicas afins. (Carta de solos #36-C e #40-A) Estes solos litólicos são geralmente delgados, podem ser pedregosos e apresentar afloramentos rochosos, e apresentam geralmente uma fertilidade reduzida e riscos de erosão elevados a muito elevados. Nestes solos proporciona-se o sistema de exploração do montado. No vale, adjacente à ribeira, surge uma pequena mancha de solos de aluvião, que proporcionam boas condições de agricultura.

A herdade localiza-se na zona de transição entre a planície Alentejana e a Serra de Monfurado que representa na zona de Évora um dos “relevos com maior expressão na paisagem, a que correspondem particulares contextos de clima local e aos quais se associam ainda significativos valores de vegetação e fauna.” (Cancela d’Abreu 2004). Nesta zona de transição o relevo apresenta já algumas zonas bastante acidentadas com vales, onde se nota um microclima distinto do das planícies. A quinta da herdade do Paicão localiza-se num destes vales, com orientação a Este, sensivelmente 40 metros abaixo do cume a Oeste, como se pode observar na figura 2 (elaborada com base na carta militar #448). O edifício de habitação localiza-se a Sudoeste da quinta, numa situação mais elevada em relação a este, apresentando uma orientação Nordeste.

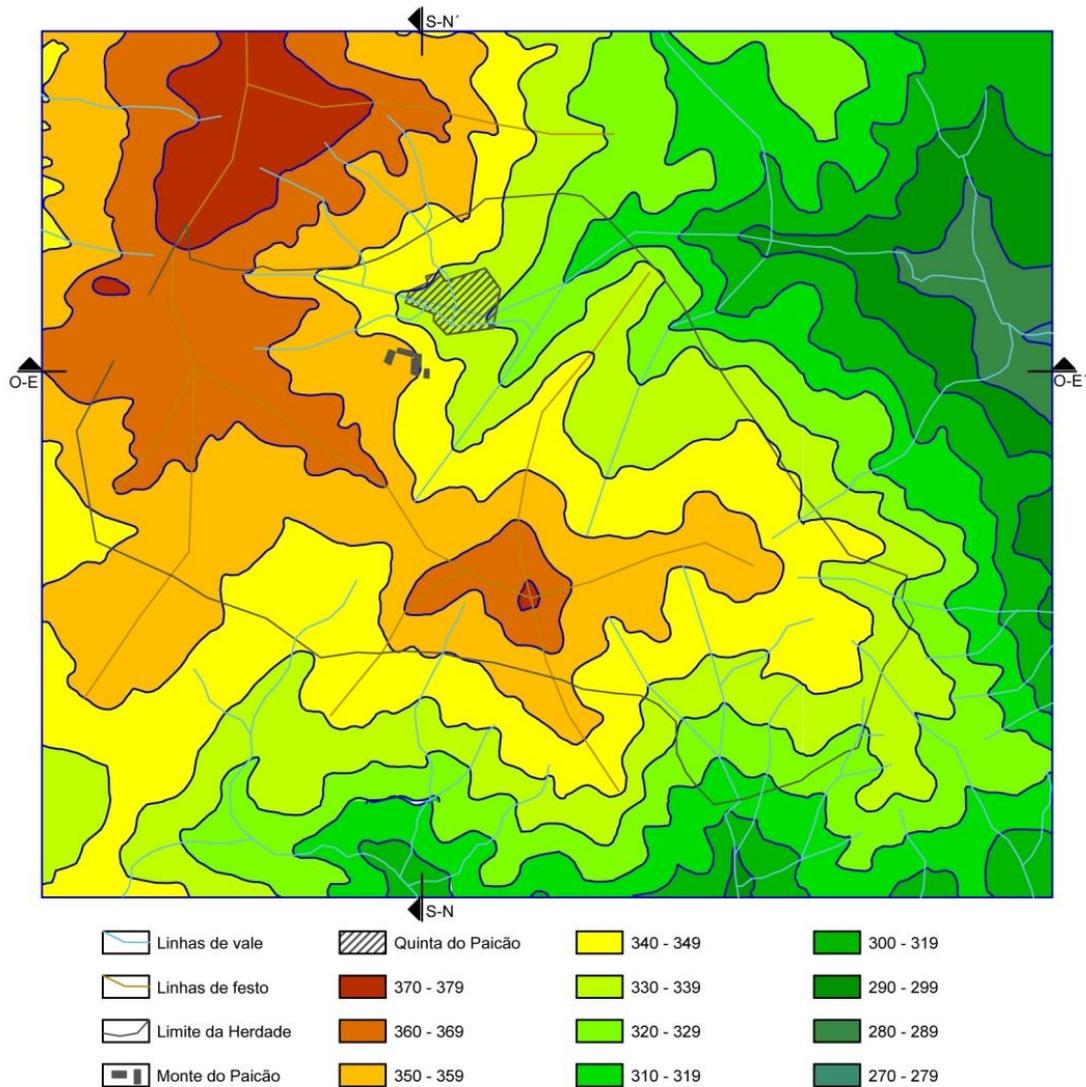


Figura 2 - Inserção do monte e da quinta do Paicão no relevo mais próximo. Esc 1:25000

De modo a analisar melhor a inserção da herdade no relevo envolvente, realizaram-se dois cortes esquemáticos a partir da figura 2. É de notar que a escala vertical é exagerada com o factor 10.

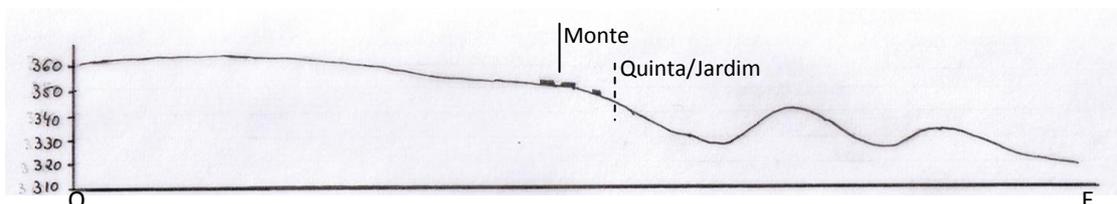


Figura 3 - Corte Oeste - Este da figura 2. Escala 1:12500.

Neste primeiro corte não é possível visualizar a quinta, uma vez que esta se encontra a Norte do monte. Verifica-se que o monte se localiza no cimo de uma colina, no início de uma encosta suave orientada a leste, de onde se observa sempre um panorama da paisagem alentejana, ou então os campos de cultura com visível

fertilidade, como refere Picão (1983), e acrescenta que esta é a localização mais favorável para a habitação.

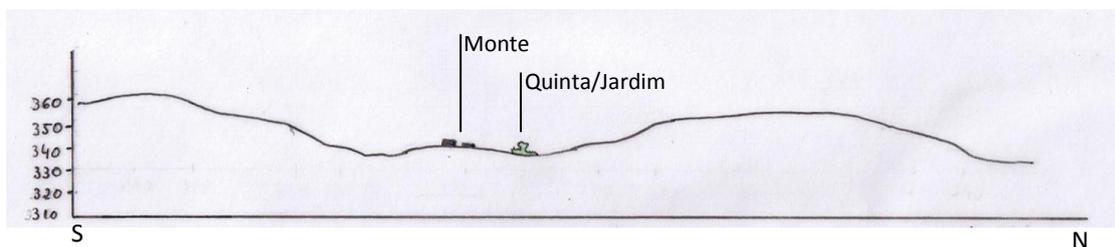


Figura 4 - Corte Sul - Norte da figura 2. Escala 1:12500.

Neste corte é possível verificar então que o monte se localiza, num eixo Norte – Sul, entre duas colinas e a quinta se encontra a Norte da habitação e numa situação mais baixa, o que também indica uma situação mais húmida devido ao relevo. De acordo com Magalhães (2001), a Quinta deve-se localizar no vale, uma vez que é este que oferece melhor solo, de aluvião, e maiores quantidades de água, proporcionando o crescimento de vegetação adaptada a este microclima. O solo de aluvião apresenta também maior permeabilidade à água, o que potencia a recarga dos aquíferos. A função da vegetação é também importante uma vez que esta minimiza a escorrência superficial, e ajuda no processo de infiltração. Também a localização do monte é bem escolhida, pois encontra-se na vertente da encosta, mais favoráveis à habitação, uma vez que é uma zona que oferece o maior conforto bioclimático, com agradáveis brisas, solos pouco profundos e bem drenados, propícios às fundações dos edifícios. (Magalhães 2001)

1.3. Caracterização Paisagística

Os factores de relevo, clima, e solos são os que influenciam então a distribuição da vegetação existente nesta zona, e que se caracteriza por montados de sobro e azinho. O montado de sobro e/ou azinho são o resultado do aproveitamento, por parte do Homem, das condições existente. Nas matas densas de sobro e azinho, abrem-se clareiras que permitem o cultivo de cereais e o pastoreio do gado, ao mesmo tempo que se aproveita a cortiça para a produção de rolhas e outros produtos, e as bolotas para alimento, formando um sistema agro-silvo-pastoril sustentável. Quando se cessa a intervenção do Homem, este ecossistema evoluirá novamente para o seu potencial máximo, ou seja o clímax, que seria uma mata densa com a presença dos três estratos: arbóreo, arbustivo e herbáceo. A imagem do montado é uma das grandes características da identidade da paisagem alentejana. Nesta paisagem insere-se ainda o monte alentejano, que surge como assento de lavoura, em encostas suaves. Esta paisagem caracteriza-se então pelos montados densos, onde as searas e o gado são sinónimo da produtividade destas terras, e onde o monte alentejano contraria a sensação da ausência humana. Muitos destes montes representam habitações de

antigas famílias ilustres, que pela sua riqueza constituem parte importante do património cultural de hoje.

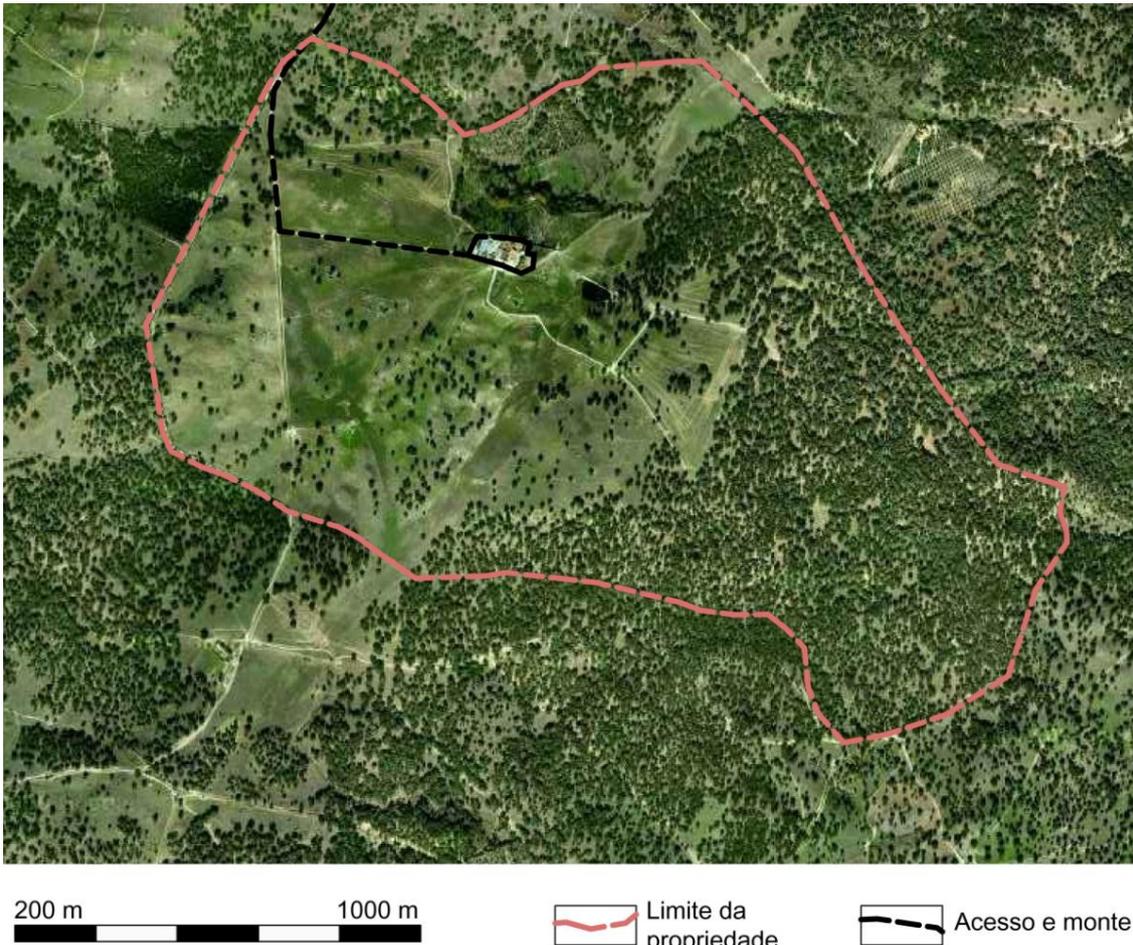


Figura 5 - Fotografia aérea da Herdade. Consultada a 25.05.2010, às 15:34h. (Fonte: Google maps ©2010 Google – Imagens ©2010 DigitalGlobe, GeoEye, IGP/DGRF)

Na zona onde se insere a Herdade do Paicão, a presença do sobreiro indica um clima já ligeiramente mais húmido, característico desta zona de transição para a Serra de Monfurado. A presença de algumas zonas com espécies dos três estratos, ou seja uma grande diversidade ecológica, é um factor indicativo que os processos naturais estão pouco perturbados, caminhando-se para um clímax ecológico. Dado à localização rural da Herdade, esta não apresenta quaisquer sinais de poluição nem de pressão urbana, apresentando então um ambiente sem perturbações neste sentido. O facto de a Herdade se localizar fisiograficamente no início da bacia hidrográfica, também não apresenta quaisquer tipos de riscos de contaminação, cheias e afluência de materiais provenientes de montante.

Ao analisar a figura 5 verifica-se que a herdade possui zonas de montado mais densas e mais afastado da habitação, e zonas livres de vegetação arbórea, que servem de pastagem ou cultivo de cereal, e que se encontram mais perto do edifício principal. O monte localiza-se sensivelmente no centro da herdade, perto da linha de água mais significativa.

A Herdade do Paicão, tal como muitas das herdades alentejanas, é composta pelo monte, pela quinta, e pelos campos agrícolas. Por monte denomina-se a habitação principal da herdade, onde habitavam os proprietários (senhorio) ou quem arrendasse a herdade (rendeiro) (Picão, 1983). É de notar que estes montes fazem parte da imagem tradicional alentejana e é possível observá-los em toda a região, sejam estas grandes habitações com dois andares e torres, ou pequenas e modestas casas baixas.

1.4. A Quinta – breve história e organização

Numa pesquisa bibliográfica encontraram-se dados que revelam que a Herdade do Paicão é uma propriedade bastante antiga, que pertence “desde épocas imemoriais, aos ascendentes dos Barretos de Carvalho e Vilas-Boas.” (Espanca, 1966) O autor refere ainda que no monte da herdade habitou durante longos anos o mestre de campo das Milícias e capitão de Ordenanças de Évora, Francisco José Jácome Ferreira de Carvalho e sua esposa D. Antónia Margarida de Melo Pereira e Sampaio.⁽¹⁾ De acordo com o excerto do PDM, apresentado em anexo2, o Monte do Paicão foi construído no séc. XVIII, apesar de a descoberta de cerâmicas e a presença de um menir, indicarem a ocupação humana nesta zona já no período Neolítico, ou seja, há sensivelmente 6000 a.c.

Em relação à história da herdade, a descrição mais antiga encontrada refere-se ao livro das “Descrições – Averbamentos – Anotações” da Conservatória do Registo Predial de Évora, e data de 31 de Março de 1873:

“Herdade de Pai Cão, situada na freguesia de São Mathias d’este concelho d’Évora. Consta de terras de semear, montado d’azinho e sobro, quinta com olivais, pomares d’espinho e caroço, casas d’habitação para os proprietários e para os caseiros e água nativa em abundância.” Descrição nº1307, folha 59 do livro B 4º.

Esta frase revela que já em 1873 a herdade possuía os montados e as zonas de cultura de cereais, que ainda hoje apresenta. Também a quinta, zona de produção hortícola e frutífera da herdade, já nesta data apresentava olivais e pomares de laranjeira e frutos de caroço, aspectos que ainda hoje podemos encontrar, embora de forma degradada, na área de estudo, e sublinha também a abundância de água.

Na figura 6 é possível observar a carta cadastral do ano de 1951, onde se delimitaram as diferentes áreas constituintes da herdade, e que irão ser abordadas individualmente. A herdade possui uma área total de cerca 238ha, enquanto a quinta representa uma área de 11ha.

⁽¹⁾ Francisco José Jácome Ferreira de Carvalho era fidalgo da Casa Real Portuguesa e Cavaleiro da Ordem de Cristo. Casou em Évora em 1770 com, Antónia Margarida de Melo Pereira e Sampaio, que era descendente de D. Afonso Henriques. Presume-se que nos anos seguidos do casamento tenham vivido na Herdade. Fonte: www.GeneAll.net.

A quinta, que segundo Picão também se podia denominar por *horta* ou *quinchoso*, representa a área cercada com um muro, onde se encontra o pomar e a horta. Existe porém uma distinção entre estas nomenclaturas, consoante a dimensão e conteúdo desta área. No caso da herdade do Paicão, por se tratar de uma zona que é cercada por muros, por possuir um pomar de laranjeiras e por apresentar uma área considerável, poderá ser de facto, considerada como uma quinta. (Picão, 1983). A área de sequeiro, zona onde se encontra a escassez de água, estaria nos campos envolventes do monte. O olival representa uma estrutura muito útil e apreciado, (Picão, 1983) e encontra-se na zona mais a Norte do espaço, e envolve toda a quinta. As quintas, ou mesmo apenas uma horta, eram muito importantes no contexto da herdade, uma vez que é onde se produziam as frutas e legumes para abastecer a casa, e no caso de excedente, seriam também comercializadas nas vilas e cidades mais próximas. Neste contexto da quinta é onde se insere também o jardim, que irá ser abordado mais adiante.

Os campos agrícolas, ou lavouras, que envolvem todo o complexo do monte e da quinta, são os locais onde se cultivavam cereais e que servem igualmente como local de pastoreio para o gado. Afastado do monte, inserido na lavoura, encontramos a malhada, que representa uma construção rústica, que servia para a dormida e criação dos suínos. (Picão, 1983)

A partir dos finais do séc. XV, inícios do séc. XVI, ocorre a transformação de parte da quinta (produção) em espaço de recreio (Carapinha, 1995), o que leva à criação de um espaço de lazer de elite – o jardim – que não só representa uma resposta à necessidade do contacto permanente com a natureza, mas também a necessidade de um elemento construído que distinga as herdades mais nobres das do resto da população, criando um certo prestígio social. (Lourenço, 1999) É este jardim – factor de prazer – que distingue a quinta de recreio da quinta rústica. (Carapinha, 1995). Outro símbolo distintivo das herdades de famílias ilustres é a presença do brasão da família na fachada de um edifício do complexo do monte principal. Na herdade do Paicão, este símbolo encontra-se na casa de carruagem, em relação ao qual Espanca (1966) refere que a casa da carruagem é um símbolo de poder e da existência de carruagens, charretes e coches puxados por cavalos, e a sua porta principal, da herdade do Paicão, está encimada pelo armorial moderno dos Vilas-Boas, e a data de 1792. Presume-se então que a família de Francisco José Jácome Ferreira de Carvalho tenha vivido nesta Herdade até pouco antes desta data, quando a Herdade terá sido adquirida pela família Vilas-Boas.

Após descrição das diferentes partes que constituem uma Herdade, pode-se constatar que a propriedade em estudo apresenta as componentes abordadas. (veja-

se figura 5). Estas zonas são essenciais ao bom funcionamento da herdade, uma vez que aparecem como factores de diversidade que possibilitam diferentes fontes de rendimento, e correspondem à multifuncionalidade da paisagem onde estas estruturas se inserem.

Para o peculiar nome da Herdade foi encontrada apenas uma justificação fundada. Pedrosa (2004) refere que no período de Afonso VI, um senhor rico viveu em Évora, onde possuía vários bens, onde se poderia incluir a herdade o Paicão. Pedrosa supõe que esta quinta poderá ter pertencido a Payo Cam e o povo, por corruptela, denominar a quinta de Payo Cam por Pay Cam, e mais tarde Paicão. Perto da herdade encontra-se um marco geodésico que apresenta o mesmo nome da herdade, mas este marco surgiu, de modo oficial, muito provavelmente após a construção da quinta. Analisou-se então os dois nomes de modo separado, “Pai” e “Cão”. “Pai” significa alguém que, como figura masculina, protege alguém ou algo, o progenitor ou criador de algo ou alguém. “Cão” refere-se, para além do animal doméstico, a uma personalidade também protectora, e a um título oriental. (Machado, 1990) Deste modo pode-se interpretar o significado de muitos modos diferentes. Tentou-se pesquisar na Torre do Tombo, mas sem sucesso, uma vez que não foi possível reunir a informação necessária para pesquisar neste arquivo, e apesar de ser um tema interessante, não é abrangido pelo âmbito deste trabalho, pelo tempo que esta pesquisa requer. Pode-se ainda acrescentar que José da Silva Picão (1983) refere, em relação à nomenclatura das herdades, que algumas assumem o diminutivo da herdade adjacente de maior distinção, como é o caso da herdade do Paicanito, adjacente à herdade do Paicão.

2. A Quinta no contexto da herdade

Neste capítulo fez-se uma caracterização aprofundada do espaço em estudo. Através desta caracterização pretende-se obter um conhecimento mais profundo do espaço a intervir, de modo a determinar o conceito de intervenção. Para esta caracterização, fez-se uma análise aos sistemas do relevo, da vegetação, das arquiteturas de fruição, dos percursos, do sistema hídrico e hidráulico, dos elementos construídos e das vistas e relações visuais existentes no espaço.

O jardim localiza-se no interior da quinta, uma vez que este necessita de condições edafoclimáticas semelhantes à horta e ao pomar. (Figura 7) As zonas de fruição, aparecem associadas às zonas de produção, existindo um contacto físico e/ou visual permanente entre estas diferentes zonas. Aparecem também algumas estruturas como os tanques de água, que por um lado constituem um elemento de apoio à produção, mas também aparecem como elementos de fruição. A



Figura 7 - Fotografia aérea da quinta. Consultada a 25.05.2010 às 15:40. (Fonte: Google maps ©2010 Google – Imagens ©2010 DigitalGlobe, GeoEye, IGP/DGRF)

quinta, ou seja, as zonas de fruição e produção, representam assim um importante espaço de lazer e convívio ao ar livre. O jardim surge então dentro dos muros da quinta, e “construiu-se mais um compartimento da residência a céu-aberto. Nele procuraram-se as sombras, desfrutaram-se as cores, viveu-se deleitosamente em contacto com a natureza, concebendo um harmonioso conjunto de criações de prazer e elementos de produção, como as estátuas, os azulejos, os tanques e lagos.” (Lourenço, 1999).

Também Picão (1983) refere que a horta e o pomar surgem como oásis delicioso em regiões tão monótonas e abrasadoras, como é o caso da paisagem alentejana.

O espaço de intervenção inclui assim o jardim, a zona de horta, mata, campo de cereal e pomares, pelo que se utiliza a expressão de recuperação da quinta, e não apenas do jardim. O olival não está incluído na área de intervenção uma vez que este se encontra em bom estado de conservação, não necessitando de intervenção. A área de intervenção cobre uma área com cerca de 3ha. Na figura 8 (página 15) é possível observar a fotografia aérea mais detalhada do espaço de intervenção, sobreposta ao levantamento topográfico e de alguns elementos construídos mais relevantes.

Para uma análise mais detalhada, procedeu-se à análise do espaço de intervenção segundo vários sistemas, onde se tentou perceber cada um deles, e a ligação entre os mesmos. Os sistemas abordados foram os seguintes: relevo, vegetação, arquitecturas de fruição, percursos, hídrico e hidráulico, elementos construídos e o das vistas e relações com o exterior. Estes sistemas são abordados individualmente, acompanhados por uma planta de levantamento dos elementos constituintes do sistema⁽¹⁾, e por uma análise desses elementos, acompanhada por algumas linhas gerais de intervenção.

⁽¹⁾ No início de cada análise (de 2.1 a 2.7) deve-se sempre desdobrar a planta que lhe está associada, no final de cada capítulo.

Substituir esta página pelo documento em A3 correspondente.

(A3 Aérea)

Projecto de recuperação da Quinta da Herdade do Paicão – Estudo prévio - Évora



Imagem 1 - Fotografia aérea da quinta

15

Figura 8 – Levantamento topográfico sobreposto à fotografia aérea da quinta. Consultado a 27.05.2010 às 10:30h. (Fonte: Google maps ©2010 Google – Imagens ©2010 DigitalGlobe, GeoEye, IGP/DGRF.)

2.1. Sistema de relevo

Pretende-se analisar o relevo no espaço de intervenção, e o modo como este influencia a organização de toda a quinta. (ver planta 1, página 18)

Na planta 1 é possível observar que o relevo se desenvolve de um modo quase gradual entre a zona mais elevada no espaço, a Oeste e a zona mais baixa a Sudeste. Na linha de vale encaixa-se a linha de água principal de carácter permanente enquanto as linhas de água secundárias apresentam um regime torrencial. A quinta está orientada a Sudeste, apresentando uma pendente suave.

Numa análise mais aproximada, observa-se que a vegetação arbórea se desenvolve principalmente junto à ribeira, enquanto na zona mais afastada, e consequentemente mais seca, aparecem poucos exemplares arbóreos utilizando-se esta zona para o cultivo de cereal, o que por seu lado também evita o aparecimento e desenvolvimento de vegetação arbórea.

Na planta de análise é possível observar os patamares determinados pela atribuição de função no espaço, de acordo com o relevo que este apresenta, e que se encontram parcialmente divididos por valas de drenagem. Estes patamares serviam diferentes propósitos, de acordo com a sua localização, forma e dimensão. É de notar ainda que estes patamares respondem a uma gestão da água mais eficiente, uma vez que todo o sistema hidráulico funcionava pela acção da gravidade. No corte da figura 9

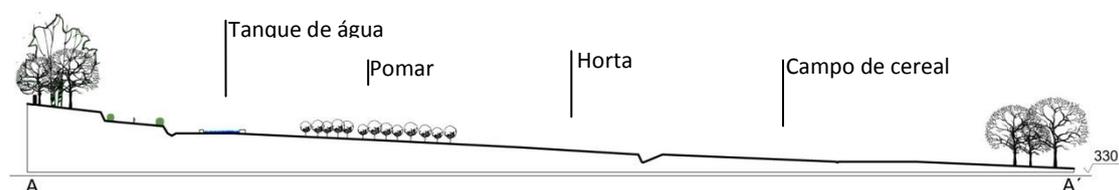


Figura 9 – Corte esquemático.

é possível observar a relação entre os diferentes patamares, e o uso que cada um apresenta. Estimou-se assim que, de acordo com a proximidade natural à água, os dois patamares mais a Este e o patamar a Norte, representam zonas mais secas, enquanto os patamares no limite sul e Oeste apresentam as zonas mais húmidas, e os no centro do espaço e um outro no limite Sudeste apresentam uma humidade média, como é possível observar na planta 1. O terraceamento cria por sua vez, uma maior intimidade em cada patamar, um espaço mais rico em sensações e mais possibilidades decorativas, nomeadamente nas passagens entre os patamares, e nas divisórias dos mesmos. Nos dois patamares mais a Oeste é possível observar um grande número de elementos construídos, pelo que se pode concluir que este seria utilizado como zona de estadia. Adjacente a este, um patamar de menores dimensões apresenta vegetação arbórea em quadrícula, o que nos remete para um aspecto mais produtivo. Também

os dois patamares a Norte deste apresentam as mesmas características produtivas. Os dois patamares mais a Este no espaço, e um de menores dimensões, a Sul destes, apresentam patamares contínuos, com uma pendente maior do que os outros patamares. Estes aspectos indiciam uma cultura que requer grandes extensões contínuas com um relevo suave, podendo-se concluir que esta zona seria utilizada para o cultivo de cereal. Observa-se que as duas plataformas no centro do espaço se localizam de modo a usufruírem do elemento de reserva de água a Norte das mesmas, e das valas de drenagem para drenar a água em excesso nas épocas húmidas. Uma vez que se nota aqui uma abundância de água e uma ausência de vegetação arbórea e arbustiva, pode-se concluir que esta seria uma zona de horta.

Neste segundo corte (figura 10) observa-se a relação entre o edifício da quinta, que se encontra numa cota mais elevada, e entre a zona de horta e de mata. O elemento de água referido localiza-se à mesma cota do edifício, e abastece a zona de horta. A zona de mata aproveita a proximidade à ribeira para preencher os seus requisitos hídricos.

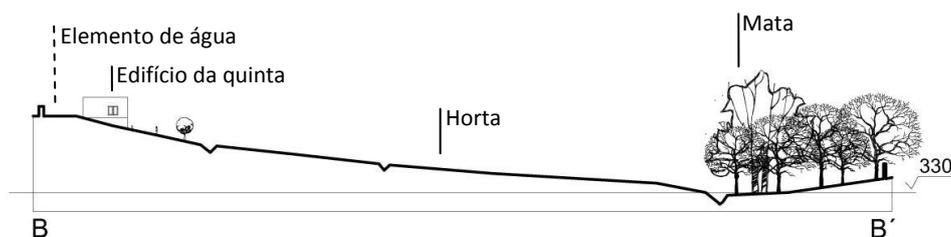


Figura 10 – Corte esquemático.

Ao analisar o traçado da quinta e a sua relação com o relevo, pode-se concluir que os elementos construídos se concentram numa cota mais elevada, enquanto na zona mais baixa domina a vegetação arbórea.

É de notar ainda que quando o jardim se encontra adjacente ao edifício principal do monte, o desenho deste pode nascer da composição axial dos edifícios do monte, o que não é o caso, pois o desenho de toda esta quinta nasce do relevo onde esta se insere.

Planta 1/12

2.2. Sistema de vegetação

Com a leitura do sistema de vegetação pretende-se analisar de modo esquemático a vegetação existente no espaço, de modo a perceber como esta influencia o desenho da quinta. Para tal, foi necessário proceder ao levantamento da vegetação existente. Posteriormente fizeram-se duas abordagens, classificando a vegetação de acordo com a sua origem e de acordo com a função que desempenham no espaço, de modo a perceber a sua localização e disposição, assim como a relação entre os diferentes tipos de vegetação.

2.2.1. Levantamento da vegetação

O levantamento da vegetação realizou-se através de várias visitas ao local, onde se determinou a localização aproximada das espécies arbustivas e arbóreas mais significativas. O levantamento da vegetação encontra-se registado na planta 9, e no anexo IV é possível observar algumas características das espécies referidas. Para identificação destas espécies e descrição das suas características foi essencial a consulta de bibliografia adequada, baseando-se nos livros de Bourdo (2003), Humphries (2005) para a identificação das espécies, e Moreira (2008) para definição do diâmetro e alturas médias. Identificou-se a existência de alguns “habitats”, de acordo com o manual de interpretação de “habitats”, que constitui um anexo do plano sectorial da Rede NATURA 2000, pelo ICN. Estes foram identificados nas zonas em que a vegetação se desenvolve de modo espontâneo, excluindo portanto algumas zonas do horto de recreio, onde se verificou a introdução de espécies exóticas, que devem ser preservadas uma vez que acrescentam um enorme valor patrimonial e histórico ao local. Os “habitats” identificados no espaço de intervenção são o Habitat 91B0 – Mesobosque edafo-higrófilo não ripícola de *Fraxinus excelsior* (Freixial), o habitat 91E0 – Bosques ripícolas ou paludosos de amieiros, salgueiros ou bidoeiros (Amial), e o habitat 91F0 – Florestas mistas sub-higrófilas de *Fraxinus angustifolia*, *Quercus robur* e *Ulmus minor*. Estes habitats foram identificados através de bioindicadores vegetais, ou seja, espécies ou comunidades que nos fornecem informação sobre um determinado local, através da identificação de uma série de vegetação adaptada a esse local, e o seu estado de conservação.

Para a identificação do Freixial foi determinante a presença significativa de freixos na zona mais sudeste do espaço de intervenção. Este “habitat” é caracterizado por um estrato arbóreo dominado por árvores higrófilas como o *Fraxinus excelsior*, *Prunus avium* e *Salix atrocinerea*. No estrato arbustivo encontramos espécies características de matagais espinhosos subseriais (classe *Rhamno-Prunetea*), e no estrato herbáceo encontramos espécies escionotrófilas anuais (classe *Cardamino hirsutae-Geranietea purpurei*) e escionitrófilas perenes (classe *Galio-Urticetea*).

O habitat 91E0, subtipo 91E0pt1, denominado por bosque de amieiros de margens de cursos de água permanente, não se encontra presente na sua totalidade,

uma vez que o curso de água não é permanente e não apresenta a espécie principal – amieiros (*Alnus glutinosa*), mas o que nos leva a observar a presença do “habitat” é a grande quantidade de *Laurus nobilis* presente no espaço, nomeadamente na zona de mata, alguns exemplares de *Hedera helix* e *Salix atrocinera*. Apesar de estes poderem ter sido introduzidos, apresentam-se bem adaptados e levam-nos a associá-los ao amial, para o qual são bioindicadores, tal como o *Fraxinus excelsior*. Este “habitat” caracteriza-se por um estrato arbóreo composto por *Alnus glutinosa*, *Fraxinus angustifolia*, *Laurus nobilis* e *Salix atrocinera*. No estrato arbustivo podemos encontrar arbustos espinhosos como *Crataegus monogyna* e arbustos não espinhosos como *Salix salviifolia* spp *salviifolia*, *Frangula alnus* e *Sambucus nigra*. Podemos identificar algumas lianas como a *Bryonia dioica* spp *cretica*, *Hedera helix*, *Rubus* sp.pl., *Tamus communis* e *Vitis vinifera* spp. *sylvestris*.

A presença de vários exemplares de *Ulmus minor* e de alguns de *Celtis australis* leva-nos a diagnosticar o habitat 91F0. Este “habitat” representa uma floresta mista de árvores caducifolias (*Quercus robur*, *Fraxinus angustifolia*, *Ulmus minor*, *Salix atrocinera*, *Celtis australis*, e muito raramente *Q. suber*), de características sub-higrófilas, que ocupam depressões ligeiras, planas e geralmente extensas das grandes extensões aluvionares de grandes rios.

O levantamento da vegetação é então apresentado na planta 9 em anexo, onde se representam as espécies arbóreas e as espécies arbustivas mais significativas. Não se identificou as zonas dos “habitats” referidos, uma vez que estes se invadem mutuamente, criando uma zona densa e única.

- **Autóctone / Exótica**

O sistema de vegetação é constituído por espécies arbóreas e por espécies arbustivas mais significativas existentes no espaço. Para uma primeira abordagem diferenciou-se a vegetação autóctone da vegetação exótica, e numa segunda abordagem distinguiu-se entre a vegetação ornamental, produtiva e aquela que se apresenta com uma dimensão ecológica. (ver planta 2, página 24)

Na planta 2 é possível observar que toda a vegetação, quer autóctone quer exótica, se desenvolve percorrendo todo o limite sul do espaço de intervenção. Nota-se uma maior concentração de espécies exóticas na zona Oeste, que se dispõem de modo organizado – em sebe – ao longo de linhas ou em torno de um determinado elemento, em círculo, como é possível observar na figura 11. A vegetação exótica dispõe-se ainda de acordo com uma quadrícula ou alinhamento, que se apresentam parcialmente incompletas (figura 12). É de notar também a proximidade da vegetação exótica e produtiva a elementos de água, estes que se localizam, regra geral, a uma cota superior, permitindo a rega controlada destas espécies. A vegetação autóctone apresenta-se maioritariamente em manchas, mais ou menos densas. Na zona Sudeste do espaço, a vegetação autóctone apresenta-se de forma menos densa, porém algumas manchas mais densas ou alinhamentos mais significativos, definem de forma clara o limite do espaço. Junto ao limite Norte do espaço de intervenção é possível observar um alinhamento forte de vegetação autóctone (figura 13), que é acompanhado por algumas espécies exóticas assinaladas na imagem. Pensa-se que esta zona se tornará mais perceptível se esta se apresentar mais densa e numa mancha mais contínua.



Figura 11 – Sebe em vegetação exótica



Figura 12 – Pomar de laranjeiras - exótica



Figura 13 - Eixo pedonal com vegetação autóctone

Neste corte esquemático (figura 14) pode-se observar os cuidados específicos que a vegetação exótica requer, no que respeita a rega: em épocas de carência hídrica

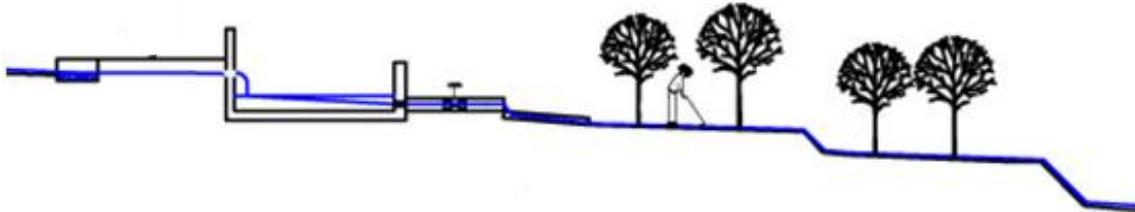


Figura 14 – Corte esquemático

é necessário colocar em funcionamento todo um sistema de captação, armazenamento e distribuição de água, e para os períodos em que a água está presente por excesso, as valas de drenagem possuem um papel fundamental (veja-se capítulo 2.5). A vegetação autóctone, por outro lado, encontra-se no seu habitat natural, pelo que não necessita de cuidados específicos no que respeita a rega. É de notar também que de acordo com as necessidades de rega, ou ausência das mesmas, a vegetação está disposta de modos diferentes: o pomar e horta de acordo com uma geometria específica que facilita a rega, e a mata de modo “desordenado”, uma vez que não necessita de rega. O aspecto da água no espaço será abordado mais adiante, no sistema hídrico e hidráulico.



Figura 15 – Mata com vegetação autóctone

Analisando o sistema de vegetação podemos ainda reflectir sobre a quantidade de luz presente no espaço, que é proporcionalmente inversa à densidade e altura da vegetação. Pode-se então perceber que na zona a Nordeste, a intensidade luminosa é bastante elevada, devido à inexistência de vegetação arbórea, baixando esta gradualmente para sul onde, junto ao limite da quinta, a intensidade luminosa é mais baixa. O eixo de vegetação no limite Norte do espaço também apresenta uma baixa intensidade luminosa, que se apresenta ainda inferior devido ao livre crescimento desta vegetação, obstruindo o percurso que aqui se desenvolve.



Figura 16 – Zona do buxo - exótico

De um modo geral, é possível afirmar que na zona mais a Oeste a vegetação se apresenta mais dividida entre zonas mais e menos densas e se apresenta mais trabalhada do ponto de vista ornamental, como os alinhamentos arbóreos e as sebes

podadas. Por sua vez, na zona mais a Sudeste a vegetação segue uma linha mais orgânica e natural, apresentando uma ligeira constante na densidade arbórea

Nesta primeira abordagem ao sistema de vegetação, a análise ao estado de conservação dos elementos apresentados – vegetação autóctone e exótica – restringe-se a uma breve abordagem ao seu estado fitossanitário, uma vez que a distinção da vegetação é baseada na sua origem. Torna-se aqui importante referir que a vegetação autóctone, ao surgir de modo espontâneo perto da vegetação exótica, entra em competição com esta e coloca em causa o bom desenvolvimento da mesma. Este aspecto verifica-se em algumas sebes no jardim, como é possível observar na figura 16, e que reflecte uma inadequada gestão do local. Na mesma imagem pode-se notar ainda o estado degradado do jardim de buxo, que devido à ineficiente limpeza do sistema de drenagem e conseqüente acumulação de água nesta zona, afectou alguns exemplares que pereceram por asfixia radicular. A vegetação exótica que não é alvo de competição por parte da vegetação autóctone e que cresce em locais onde os factores físicos correspondem às suas necessidades, apresenta-se em bom estado fitossanitário.

Planta 2/12

- **Ornamental / Produtiva / Ecológica**

Na planta 3 (página 31), estão referenciadas as espécies arbóreas e arbustivas, de acordo com a sua função, tenham elas carácter de produção, ornamental ou ecológica.

É necessário referir que apesar de uma espécie possuir como principal característica um valor ecológico ou produtivo, poderá estar presente no espaço com uma função ornamental, e vice-versa. Consideraram-se então as espécies com valor ecológico as que se encontram integradas no sistema húmido da ribeira, ou seja a vegetação ripícola; como produtivas as que cumprem como primeira função a produção; e como ornamentais as que se afirmam principalmente pelas suas características estéticas, ou as que pela sua disposição e/ou localização cumprem funções ornamentais.

A vegetação ornamental localiza-se principalmente em zonas de recreio e lazer, como nas zonas de estadia e ao longo de percursos, sob a forma de sebe ou alinhamento arbóreo (planta 3). Esta vegetação favorece o carácter de fruição destas zonas, não apenas pela sua beleza visual, como também pelo cheiro, textura e cor. Um exemplar pode ainda apresentar um valor ornamental maior, se esta se encontrar isolado ou podado com algum fim específico. Apresenta-se como exemplo o buxo, que aparece no espaço principalmente sob a forma de sebe que acompanha alguns percursos no espaço. Nestas sebes, o valor ornamental reside no conjunto de vários exemplares, que formam um limite vegetal sólido, com uma forma cúbica, que se apresenta constante ao longo de todo o elemento. A sebe em si, como limite físico,



Figura 17 - Arco em buxo – topiária - ornamental



Figura 18 – Jardim de buxo - ornamental

tem por objectivo encaminhar o utilizador por um determinado percurso, e pode apresentar ainda um limite visual, de acordo com a sua altura. Esta espécie aparece num outro eixo, representada apenas por dois exemplares isolados, que através de podas próprias formam um arco de vegetação. Neste elemento de topiária, apresentado na figura 18, tanto o valor ornamental do exemplar como o valor como elemento no espaço, aumentam. No limite Norte do espaço observa-se um alinhamento forte de vegetação autóctone, mas como a sua disposição pretende evidenciar o percurso rectilíneo existente neste local, é classificada como ornamental.

A vegetação ornamental é um dos elementos constituintes do horto de recreio, que irá ser abordado mais adiante, no sistema das Arquitecturas de prazer. Como elemento formado por vegetação ornamental, é de notar ainda o jardim de buxo (apresentado na figura 17). Este é formado por sebes de buxo-de-folha-pequena (*Buxus microphylla*) com uma altura baixa, formando apenas um limite físico. No interior dos canteiros encontram-se exemplares isolados de espécies ornamentais, aparecendo a cameleira, a roseira e a hortênsia. Este jardim apresenta uma forma simétrica (figura 19). Esta imagem representa o que se pensa ter sido o desenho original do jardim de buxo, uma vez que este se encontra parcialmente destruído. Efectuou-se o levantamento do jardim nas zonas existentes, a partir do qual se reproduziu as zonas mais degradadas, principalmente no lado mais a Oeste, sabendo que estes jardins apresentam sempre uma geometria simétrica.

No que respeita o estado de conservação da vegetação ornamental, pode-se afirmar que esta se encontra degradada na maior parte dos locais onde aparece. Na zona de estadia a Norte do espaço, nota-se uma descontinuidade na sebe o que dificulta a leitura deste espaço, e ao mesmo tempo, pelo facto de não estar podada, apresenta também um aspecto degradado. No eixo mais a Sul que estabelece a ligação entre a zona de entrada no espaço e o elemento de água, a vegetação aparece bem conservada, uma vez que se mantém uma sebe bem constituída, apresentando apenas algumas falhas na sua continuidade, e uma falta de poda. Também na zona Oeste do espaço de intervenção, junto ao jardim de buxo e à zona de estadia a Norte deste, nota-se uma vegetação ornamental degradada, uma vez que apresenta

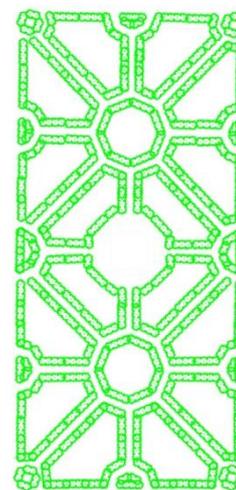


Figura 19 – Desenho do jardim de buxo

falhas na continuidade das sebes, falta de poda e uma elevada propagação de espécies espontâneas na sebe. Esta vegetação não só entra em competição com as espécies ornamentais, como também determina uma leitura completamente diferente da sebe. Propõe-se então que das sebes sejam removidas espécies que dificultem a leitura das mesmas, e que se replantem as zonas das sebes onde se verificarem descontinuidades.

Na vegetação ribeirinha incluem-se as espécies cuja principal função neste espaço é a de assegurar um ciclo hidrológico e ecológico natural próprio destes ecossistemas ribeirinhos, nomeadamente a vegetação ripícola. No sistema de vegetação apresentado, as espécies ripícolas dominam a zona Sudeste do espaço de intervenção, onde se distribuem de modo uniforme e ligeiramente disperso, mas onde se nota alguma continuidade, acentuada na planta de análise, e que representa a zona de mata.

A mata é caracterizada por uma massa densa de vegetação arbórea e arbustiva, disposta de forma natural, que não reflecte uma desordem, mas sim a organização própria da natureza (Carapinha, 1995). É uma presença forte e indispensável na quinta de recreio, uma vez que exerce inúmeras funções a nível económico, recreativo e



Figura 20 – Zona de mata

ecológico. Em termos de funções, Cabral e Telles 2005 referem que a mata constitui uma grande influência em termos de regularização climática, retenção da água e defesa da erosão, formação, desenvolvimento e manutenção do nível de fertilidade dinâmica, abrigo do vento, equilíbrio biológico, desenvolvimento de uma biocenose⁽¹⁾ equilibrada tanto acima como dentro do solo, produção de lenha e madeira, carvões vegetais e taninos, que Carapinha (1995) complementa com o desenvolvimento cinegético e a produção de adubos vegetais. É de referir também o valor económico que a mata pode adquirir, se comercializar os produtos que provêm desta. A vegetação ecológica desempenha ainda importantes funções ao nível da fixação do solo, um aspecto relevante na estabilidade das margens. Na figura 21 é possível observar um troço da margem da ribeira, onde a ausência de vegetação favorece o processo de erosão. Aspectos aqui referidos, como o abrigo do vento, são de extrema importância, uma vez que o recreio e a produção carecem de uma amenidade climática especial, e que é muitas vezes assegurada pela mata. De modo a cumprir esta função, a mata deve localizar-se, segundo Carapinha (1995) entre o norte e o poente.



Figura 21 - Margens da ribeira do Paicanito

Em termos de ambiência e importância a nível do conjunto da quinta, a mata representa o selvático, um “elemento de contraste e variedade, o papel do Homem no mundo natural e a criação da ordem a partir do caos.” (Carapinha, 1995). A autora continua por referir que se trata de um espaço vertical, dado pela vegetação arbórea alta, que o torna ao mesmo tempo monocromático e contemplativo. A presença do selvático é também sinónimo de um local misterioso, escuro e sombrio.

(1) Associação equilibrada de animais e de vegetais num mesmo *biótopo* – local que oferece condições constantes ou cíclicas favoráveis ao desenvolvimento dos animais e vegetais que nele habitam.

Pode-se então concluir que a mata se encontra num estado de conservação razoável, uma vez que não cumpre por completo as suas funções ecológicas possíveis. Propõe-se um densificar da mata, de modo a tirar o máximo proveito do seu potencial enquanto fonte de recursos e ambiências. Na planta de análise apresenta-se uma proposta para uma possível densificação das zonas de mata que aparentam alguma continuidade, pelo que se forma uma massa de vegetação única e mais coerente. Deve-se privilegiar a plantação de espécies ripícolas, arbustivas e arbóreas, adequadas às margens dos cursos de água.

A vegetação produtiva encontra-se diferenciada na planta 3, do sistema de vegetação. Na planta podemos verificar que aquela forma uma quadrícula, característica das zonas de produção frutífera. Estas quadrículas localizam-se principalmente em zonas mais abertas, onde esta vegetação usufrui de uma maior intensidade luminosa. Existe porém uma quadrícula na zona mais a Sudoeste, que se encontra mais cercada pela vegetação ripícola e onde a luminosidade é



Figura 22 - Pomar degradado e sebe com espécies infestantes

inferior, reflectindo-se na vegetação produtiva, uma vez que esta apresenta um aspecto degradado em termos fitossanitários, como é possível observar na figura 22. As quadrículas apresentam-se na maioria incompletas, pela falta de exemplares que terão sido removidos, que se degradaram por falta de manutenção ou doença. É possível observar ainda alguns exemplares isolados de vegetação produtiva na zona Sudeste, que se inserem na vegetação densa da mata. O pomar, que apresenta uma vertente produtiva, pode ser analisado também pelo seu valor ornamental, uma vez que a laranjeira era vista não apenas como elemento de produção, mas também como elemento estético e ornamental. (Aurora 1995) Podemos ainda afirmar que com o loureiro acontece precisamente o inverso, uma vez que este se encontra no espaço principalmente com função ornamental, do qual se tira partido utilitário, uma vez que o seu fruto poderá ser utilizado para a produção de óleos, a sua folha para a culinária, apresentando ainda uma madeira de elevada qualidade.



Figura 23 – Zona de pomar

O pomar é um dos sub-espacos em geral presentes na tipologia de Quinta. O pomar caracteriza-se pela presença de uma ou várias espécies de árvores de fruto, dispostas em esquadria, que no caso da herdade do Paicão são a laranjeira, a pereira, e a figueira. Estas espécies apresentam exigências de água específicas, o que obriga a existência de um sistema de rega para as estações mais secas, e um sistema de drenagem através de valas, para as estações mais húmidas. O olival é um pomar de sequeiro, pelo que se situa nas zonas mais elevadas/secas em redor ao espaço de intervenção, mas ainda dentro do limite da quinta.

Em termos de localização, o pomar deve-se localizar em encostas suaves, preferencialmente orientadas a nascente, de modo a usufruir da amenidade climática que esta oferece. Na planta 3 é possível observar que a zona de pomar se encontra orientada a Sudeste e parcialmente cercada pela mata, constituindo esta uma protecção em termos do vento às árvores de fruto, e criando a amenidade climática necessária ao bom desenvolvimento desta espécie.

Em relação ao aspecto utilitário e produtivo torna-se importante referir a horta e o campo de cereal. A horta é também um espaço essencial, uma vez que abastece a quinta e o monte com legumes e frutas essenciais ao dia-a-dia. Apesar de hoje em dia a horta não existir, esta ocuparia o patamar a Este do pomar (assinalado na planta de



Figura 24 – Campo de cereal e mata

análise), a uma cota ligeiramente inferior à do pomar. É nesta zona que se encontram as melhores condições em termos de humidade e fertilidade natural do solo (aluvião). Esta localização justifica-se não apenas pela coerente ligação que estabeleceria entre a zona de produção cereal e o pomar, como pelo relevo que aqui forma dois patamares divididos por uma linha de drenagem. Justifica-se ainda pela existência do elemento de reserva de água a montante desta zona, que serviria como elemento essencial à rega, e que se localiza na cota mais elevada de toda a zona de horta e campo de cereal. O actual campo de cereal localiza-se na zona mais a Nordeste do espaço, e apresenta-se livre de vegetação arbórea e arbustiva. Na carta cadastral de 1951 (figura 1, pag.10), é possível observar que apenas o patamar mais a Este seria utilizado para o cultivo de culturas arvenses.

No que se refere ao estado de conservação do pomar, podemos afirmar que este se encontra em bom estado de conservação, uma vez que a falta de alguns exemplares na quadrícula não afecta a função de produção em termos qualitativos, apenas em

termos quantitativos. Propõe-se então a reposição dos exemplares em falta, de modo a garantir o máximo proveito do sector arbóreo produtivo, como é possível observar na planta de análise. Propõe-se ainda a remoção dos exemplares de laranjeiras que se localizam na zona de pomar a Sudoeste, uma vez que se propõe o densificar desta zona com vegetação ripícola, o que tornará a zona demasiado sombria para a permanência desta espécie. Os exemplares que se encontrem em bom estado fitossanitário, podem ser aproveitados para completar a quadrícula na restante zona de pomar.

Os esquemas apresentados na planta 3 demonstram as diferenças em termos de disposição das espécies, de acordo com a sua função primária, seja ela produtiva, ornamental ou ecológica, apresentando-se sob forma de quadrícula, alinhamento, ou numa massa única e densa, respectivamente.

Planta 3/12

2.3. Arquitecturas de fruição

Neste capítulo abordam-se os elementos construídos, que apelem à fruição e ao recreio, denominadas arquitecturas de fruição. Esta análise permitirá perceber como estas arquitecturas se distribuem no espaço, e a relação que estabelecem com as zonas adjacentes.

Dentro dos elementos construídos podemos distinguir os de fruição, que pela sua localização e/ou forma nos proporcionam deleite, e que podem estar associados a elementos como muros, elementos hidráulicos e arquitectónicos.

Refira-se que apesar de um elemento possuir como principal função a de armazenamento de água, este pode também apresentar estruturas que o transformam em



Figura 25 – Estrutura de atravessamento

elemento de fruição, aumentando assim a valência de cada elemento. Um exemplo é representado na figura 25, que serve por um lado como elemento estruturante da ponte, e que por outro lado possui dois bancos, os quais transformam um elemento estrutural num elemento lúdico.

Na planta (planta 4) assinalaram-se então os elementos construídos que pela sua localização e pelo seu modo de construção, introduzem a dimensão lúdica e contemplativa do local onde se insere. Na zona mais a Oeste, podemos observar um elemento em forma de semicírculo, que nos indica ser uma zona de estadia, e um elemento final de um eixo, funcionando como ponto de chegada ou partida. A forma deste elemento convida a uma estadia mais prolongada. Já na zona assinalada mais a Norte, nota-se que os elementos se distribuem em torno de um elemento central circular. Apresentados estes dois exemplos, podemos referir que os elementos construídos polarizam os eixos principais, criando assim tensão no espaço. O corte (veja-se planta 4, página 34) representa todas as estruturas de fruição que aparecem ao longo do eixo N/S, e que se encontra polarizado, nos seus limites, por dois elementos bastante fortes: uma estrutura de fruição elevada junto a um elemento de água, e no extremo oposto pela mata. Este eixo inicia-se então numa arquitectura de prazer sobrelevada, a partir da qual se obtém um domínio visual sobre este eixo. O elemento de água que se segue tem uma forma circular e representa o elemento mais forte no que se refere à tensão deste eixo, não apenas pela sua forma, como pela presença forte da água. Os pequenos passadiços são essenciais pela topografia que o lugar apresenta devido às valas de drenagem e à presença da ribeira. As arquitecturas

vegetais, como o caramanchão, são um elemento muito significativo nas quintas de recreio, pela singularidade de ambiências que criam, como a sombra e o abrigo. O arco de buxo presente no eixo é o único exemplo de topiária de um elemento isolado. Segue-se uma pequena ponte que através da instalação de bancos laterais ao percurso permite fruir desta zona. A mata representa uma massa de vegetação densa, atravessada por um percurso contínuo ao eixo, e onde se pode usufruir do contraste entre a mata e a ribeira, e os elementos exóticos do jardim e da quinta.

Os elementos de prazer referidos, tanto como os elementos de vegetação ornamental, são parte de um conjunto denominado por horto de recreio, que é um dos espaços constituintes da quinta de recreio.

O horto de recreio tem como principais funções o lazer e a fruição do próprio espaço. É formado por um conjunto de zonas de estadia distintas, que se localizam em pontos específicos, unidos por um sistema de percursos que podem, por si só, representar espaços de lazer com características de fruição e contemplativas, de acordo com o local e a paisagem onde se desenvolvem.

No que se refere à localização, o horto de recreio encontra-se geralmente adjacente ou muito próximo do edifício habitacional, o que não é o caso na herdade do Paicão, uma vez que aqui se tirou completa vantagem do microclima existente no vale, distanciando-o cerca de 150m da habitação.

As arquitecturas de fruição, em geral, encontram-se num estado razoável de conservação. Para uma descrição mais detalhada do seu estado de conservação do elemento, veja-se anexo III.

Planta 4/12

2.4. Sistema de percursos

Consideram-se no sistema de percursos os trajectos existentes no espaço, quer os intencionais, quer os de “pé posto”. (Ver planta 5, página 37) Os percursos são um elemento fundamental no espaço aberto uma vez que guiam o utilizador pela zona de intervenção de modo organizado, que lhe permite descobrir o espaço e consequentemente as perspectivas mais interessantes.

Na planta 5 estão assinalados os percursos existentes no espaço de intervenção. Na análise distinguem-se os percursos de acordo com a sua função. Analisa-se ainda, em texto, os limites e a relação que estes estabelecem com as áreas adjacentes. A função dos percursos neste espaço foi determinada após observação directa no local, e a sua relação com os elementos de fruição. Note-se que um único percurso poderá apresentar as duas funções, sendo este neste caso definido com a sua função principal.

Como se observa na planta 5, existe um equilíbrio, em termos quantitativos, entre os percursos *produtivos* e os *contemplativos*, uma vez que o espaço de intervenção alberga tanto funções de produção como de recreio. Existem aproximadamente 965m de percursos definidos actualmente no espaço.

Nota-se na planta que os percursos *contemplativos* se encontram principalmente na zona mais Oeste do

espaço, enquanto na zona Este aparecem apenas percursos *produtivos*. Os percursos *produtivos* estão associados às zonas de produção, servindo para descarga de fertilizantes, carga e escoamento de produtos finais, entre outros. Os percursos *contemplativos* surgem para dar a conhecer o local onde se inserem. Neste contexto podem servir apenas para encaminhar o utilizador de uma zona para outra, onde a segunda surgirá como elemento surpresa, sendo esse elemento de chegada o culminar do percurso (como o eixo entre a zona de entrada do espaço e o elemento de água mais a Oeste – figura 26 – ou o eixo que se desenvolve ao longo do limite Norte do espaço – figura 27); ou então podem também apresentar vários momentos ao longo do percurso, que apelem a uma estadia mais prolongada nesses locais, sendo neste



Figura 26 – Percurso delimitado por sebes

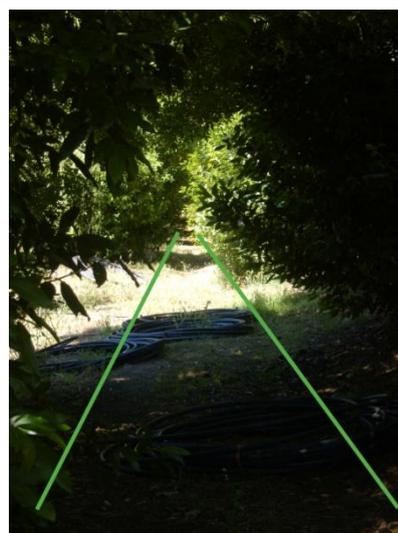


Figura 27 – Percurso delimitado por massa densa de vegetação

caso, o percurso em si o elemento central (como o eixo que se desenvolve num alinhamento Norte-Sul, sensivelmente no centro do espaço).

Em relação aos limites dos percursos, nota-se que os percursos *contemplativos* são maioritariamente limitados por vegetação arbustiva, em forma de sebes (veja-se figura 27 e 28). Por outro lado, os percursos *produtivos* não apresentam qualquer limite físico (veja-se figura 28).



Figura 28 – Percurso na zona de pomar sem limite físico definido

O limite que cada percurso apresenta, influencia a relação que estes têm com as zonas adjacentes. Como acontece com os percursos *produtivos*, estes não apresentam qualquer tipo de limite, uma vez que se pretende, através do percurso, escoar produtos das zonas de produção, pelo que deve existir uma ligação directa e constante entre o percurso e a zona adjacente – de produção. Já os percursos *contemplativos*, que apresentam maioritariamente sebes como limite, pretendem dar a conhecer o espaço de recreio de diferentes modos: se a sebe apresentar uma altura de cerca de 0.5m a 1m, pretende-se que a sebe crie um limite apenas físico, continuando por existir uma ligação visual com a envolvente; se por outro lado a sebe apresentar uma altura de 1.5m ou 2m, cria-se um limite tanto físico como visual, quebrando assim qualquer tipo de relação com as zonas adjacentes. Refira-se também que estes percursos contemplativos se apresentam sob formas geométricas definidas, como a linha e o círculo⁽¹⁾.

Analisando por exemplo a zona do jardim-de-buxo observa-se que o percurso preenche toda a esquadria deste e é definido por uma sebe de 0.5m de altura, enquanto no limite do jardim-de-buxo encontra-se uma sebe com cerca de 2m de altura. Assim, foca-se toda a atenção no jardim, na sua geometria e nos exemplares de cameleiras expostas neste, enquanto a sebe mais alta impede a distração/relação com a envolvente.

Após esta análise sente-se falta de percursos que dêem a conhecer uma maior área no espaço, nomeadamente para zonas mais distintas, como a zona da mata ou do campo de cereal. Em relação ao estado de conservação destes percursos, pode-se constatar que a maior parte não possui qualquer pavimento definido, dificultando a circulação pelos mesmos. O crescimento descontrolado de alguma vegetação também obstrui a circulação por estes percursos, ao mesmo tempo que forma uma barreira visual, não permitindo ao utilizador visualizar todo o percurso, quando este seria um aspecto importante.

⁽¹⁾Feliù, C.; et al. (1996) refere que estas linhas rectas surgem da necessidade de ordem e visão global do espaço.

Planta 5/12

2.5. Sistema hídrico e hidráulico

Neste sistema distingue-se entre o sistema hídrico e o sistema hidráulico. O sistema hídrico refere-se a todos os elementos naturais de escoamento da água, assim como as valas de drenagem apesar de estas terem sido construídas de modo artificial. Como sistema hidráulico definem-se todos os elementos construídos cuja principal função é a de captar, armazenar e distribuir água pelas zonas carenciadas. (ver planta 6, página 41)

Torna-se importante referir que o levantamento do sistema hídrico foi desenhado através da observação directa do local por onde correm as linhas de água, tanto como pela análise do relevo. O sistema hidráulico surge de um levantamento dos elementos de captação, armazenamento e distribuição de água. É de notar que destes percursos de água apenas se pode confirmar os que estão visíveis directamente, ou através



Figura 29 – Vala de drenagem

de escavações ligeiras. Alguns dos percursos de água assinalados nascem de uma análise ao sistema de relevo, determinando-se o percurso de água então assinalado como o mais provável, tendo em conta a distância ao elemento de captação e/ou armazenamento, tanto como o declive (direcção e inclinação). Para garantir um levantamento do sistema hidráulico mais pormenorizado e fundamentado, deve-se proceder a um estudo arqueológico.

O sistema hidráulico inicia-se nos elementos de captação, que neste espaço são três: um poço no extremo Oeste, um poço no extremo Nordeste e uma nascente na zona Norte no espaço de intervenção. A partir dos elementos de captação localizam-se as estruturas de armazenamento, de onde a água é aproveitada quando necessário, através de um sistema de distribuição. O desenho do sistema de distribuição é baseado no relevo existente e na proximidade aos elementos de armazenamento, e é apresentado na planta de análise. A rega seria depois feita por alagamento.



Figura 30 – Torneira para controlo de caudal na rega

Os elementos de armazenamento, como os tanques eram muitas vezes alvo de ornamentos e de uma adjetivação plástica, que os transforma em arquiteturas de prazer. Segundo Carapinha (1995) esta transformação, modifica a zona de produção em zona de recreio.



Figura 31 – Elemento de fruição associado a um elemento de armazenamento de água

Apresenta-se em seguida um corte esquemático que representa um possível percurso que a água pode ter no espaço, através do sistema hidráulico, que permite um maior aproveitamento da água por parte do Homem. Este percurso encontra-se assinalado na planta 6.

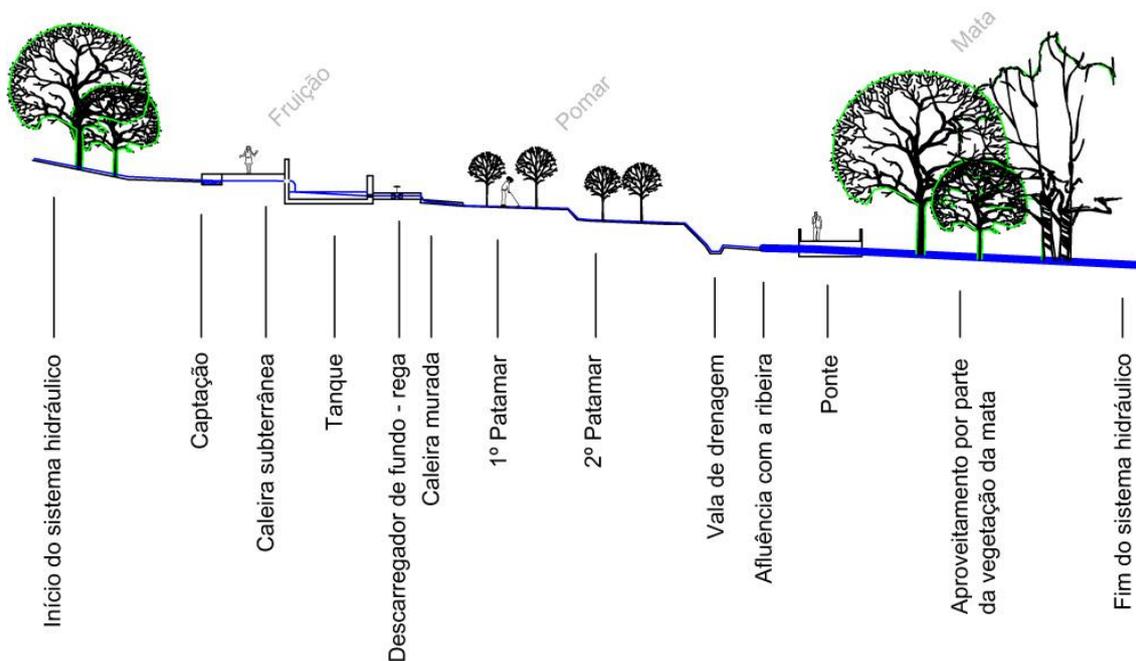


Figura 32 – Corte esquemático de parte do sistema hidráulico.

Em relação ao estado de conservação do sistema hídrico pode-se afirmar que se encontra em bom estado de conservação, uma vez que a água percorre o espaço de forma natural e contínua. Porém, o sistema hidráulico apresenta-se bastante degradado, uma vez que não é possível aproveitar totalmente a água neste sistema, devido à inexistência de algumas estruturas essenciais, porém pontuais, que não permitem uma continuidade no percurso da água. No sistema hídrico propõe-se uma manutenção adequada dos cursos de água, e a plantação de espécies adequadas nas margens, de modo a prevenir uma erosão acelerada dos mesmos. No sistema hidráulico propõe-se a recuperação do sistema de rega antigo, e das estruturas de

aproveitamento da água, que são importantes não apenas pela função de rega que desempenham, como pelo valor patrimonial que representa todo o sistema.



Figura 33 – Caleira de escoamento, estrutura de condução de água



Figura 34 - Mãe-de-água, estrutura de captação de água



Figura 35 – Estrutura inactiva de transporte de água

Planta 6/12

2.6. Os elementos construídos

Neste capítulo faz-se um levantamento dos elementos construídos que não tenham sido abordados nas arquitecturas de fruição nem no sistema hidráulico, uma vez que estes apresentam uma grande importância na estruturação do espaço.

Deparando-se com a dificuldade de definir os elementos construídos pela sua função, uma vez que um elemento pode representar várias funções, serão focados os elementos cujas principais funções são a da habitação, edifícios de apoio e o muro da quinta, tanto como outros elementos estruturantes de menores dimensões, assinalados na planta de levantamento. (Ver planta 7, página 44)

Pode-se notar que os edifícios de habitação se localizam no limite da quinta, ligeiramente recuados em relação ao mesmo, uma a Norte (figura 36) e outra a Sul. A função destes elementos é principalmente a habitação. O edifício mais a Oeste é utilizado como apoio às actividades agrícolas, e está recuperado. Estes edifícios surgem de modo isolado. Nota-se ainda o muro (figura 37) como elemento construído linear, que se desenvolve ao longo do limite Sul e Este/Norte do espaço. Este elemento exprime uma vontade clara, por parte de quem o constrói, e consequentemente do espaço por ele definido, de se autonomizar da envolvente. É expressão de um sentimento de propriedade inviolável (Carapinha, 1995). Do interior deste espaço, existe pouca relação visual com o exterior, uma vez que a mata e o relevo, que protegem este espaço, anulam qualquer relação com a envolvente.



Figura 36 – Edifício principal da Quinta



Figura 37 – Muro que cerca parcialmente a Quinta

No corte representado no esquema de análise, nota-se que a habitação mais a Norte se localiza numa zona mais elevada em relação a todo o espaço. Este aspecto dá-lhe uma importância maior relativamente à habitação da entrada do espaço, a Sul, que se encontra a uma cota mais baixa, e cercada pela mata. A habitação mais a Oeste encontra-se encostada à mata densa, e surge como elemento forte adjacente ao jardim de buxo.

Os restantes elementos construídos, como pequenos muros, bancos e pontes encontram-se descritos no Anexo III - Levantamento de elementos construídos.

Conclui-se que o estado de conservação dos elementos construídos é em geral mau, uma vez que o único edifício que se encontra em bom estado é o que se localiza mais a Oeste. Estão no entanto em elaboração projectos de arquitectura para a recuperação destes edifícios, que irão servir de apoio ao turismo rural. O estado de conservação do muro também é mau, uma vez que se encontra danificado em vários troços, não cumprindo a sua função de protecção. Propõe-se a recuperação do muro, de modo a que este possa cumprir a sua função, e que se trave a sua degradação.

Planta 7/14

2.7. Vistas e relações físicas e emotivas

O sistema de vistas e relações analisa aspectos ao nível das relações visuais no espaço e para fora deste, tanto como ligações ecológicas, físicas e emotivas. Esta análise surge uma vez que a relação entre os diferentes espaços da quinta é de tanta importância, como o valor intrínseco de cada um deles, como refere Carapinha (1995): “É um lugar versátil, onde recreio e produção compartilham o mesmo espaço, invadindo-se mutuamente”.

Na herdade do Paicão, o facto de a quinta se encontrar afastada do edifício de habitação principal, confere por si só uma relação muito específica com a envolvente, e conseqüentemente entre os espaços em si, uma vez que não existe relação visual com o edifício principal, focando-se apenas a quinta. (Ver planta 8, página 48) Apesar de haver neste caso relações entre os espaços e a envolvente, é precisamente quando esta não existe, que os diferentes espaços se tornam ainda mais intimistas.

A mata, que surge como um elemento visual muito forte torna-se um pano de fundo interessante para as zonas de produção nomeadamente a horta, o campo de cereais e o pomar, como para as zonas de recreio, que representam espaços mais abertos. Relativamente às zonas de recreio, estas também se desenvolvem no interior da mata, tirando partido deste elemento forte como fonte de sombra e frescura. Esta cortina de vegetação possui outro aspecto interessante, pois pela sua forte presença, o passar das diferentes estações do ano é muito visível neste elemento. A mata em si, tanto na sua função como na sua organização e desenho apresenta características biomórficas, o que contrasta com os outros elementos, que apresentam geometrias rígidas (o rectângulo na horta, a quadrícula no pomar, e as sebes no horto). A mata envolve ainda o jardim de buxo, que surge como única clareira definida na mata, o que cria uma grande relação física entre estes dois elementos, uma vez que quanto mais definido se encontra a mata, mais o jardim é realçado. Cria-se também uma relação emotiva, dada pelo contraste entre a mata densa e selvática, e o jardim de buxo presente na clareira, que é definido pelas linhas rectas das sebes, e pela geometria axial criada pelo desenho deste elemento.



Figura 38 – Relação visual entre a mata e a zona de produção

A mata apresenta ainda outro aspecto bastante relevante, pois desenvolve-se ao longo da linha de água, ribeira de Paicanito, que entra no espaço a Noroeste deste, e sai a Sudeste. A mata possui características de uma mata ribeirinha, pelo que esta

mata pode ser considerada como uma continuação da galeria ripícola que se estende para além do espaço de intervenção (veja-se planta 8), criando uma importante ligação com o exterior, tanto a nível visual, como ecológico.

Um aspecto lúdico da quinta é revelado pelos percursos que ligam as distintas áreas de recreio, e que percorrem todo o espaço da quinta, acentuando a diferenciação, mas também a ligação entre as diferentes zonas. O modo como, e o local por onde o percurso se desenvolve, é também um factor importante na relação que o utilizador do percurso estabelece com a envolvente. Um percurso deambulatório é bastante contemplativo, enquanto um percurso rectilíneo, apesar de também ser contemplativo, possui uma maior tensão criada pelo eixo, visual e pedonal (figura 39). Os percursos rectilíneos da quinta são ainda reforçados pela presença de estruturas como pérgolas e zonas de estadia junto a elementos de vegetação arbórea, que representam também uma fonte de sombra e frescura. O facto de estas estruturas de prazer e os percursos de recreio se encontrarem presentes por todo o espaço da quinta, resulta num espaço que aparentemente não apresenta uma estrutura racionalista e globalizante, e a sua apreensão não é linear, imediata sequencial, mas sim feita de pequenos momentos, pequenas histórias. (Carapinha, 1995). São estes momentos nos quais se estabelecem relações emotivas e físicas mais fortes com a envolvente, uma vez que convidam a uma estadia mais prolongada.

A zona de pomar (figura 40) ocupa uma zona mais central, pelo que estabelece importantes relações visuais com as restantes partes da quinta. O desenho em quadrícula confere um sentido de continuidade e ritmo ao espaço, que permite estabelecer uma relação de ordem/desordem com a envolvente.



Figura 39 – Percurso recto contido entre sebes



Figura 40 – A mata como pano de fundo do pomar



Figura 41 – Relação visual com o exterior da Quinta

A zona de cereal é um elemento importante pois estabelece uma continuidade visual com o exterior, uma vez que a paisagem de montado também está associada ao cultivo de cereais de sequeiro. Porém esta ligação está cortada fisicamente pelo muro da quinta que cumpre aqui a sua função delimitadora, e evoca o sentimento de restrição física.



Figura 42 – Relação visual de um ponto mais elevado do espaço.

A partir das zonas mais abertas da quinta, é possível observar as copas da vegetação do montado, que surgem por detrás das copas das oliveiras, como é possível observar na figura 42, e que estabelecem uma importante relação visual com a envolvente da quinta.

Outro aspecto a referir nesta análise é o papel que a luminosidade desempenha neste espaço, nomeadamente zonas mais escuras, como na mata, e zonas mais claras, como no campo de cereal. Em termos emotivos é relevante, uma vez que a transição entre zonas com diferente claridade, se sente através da mudança da luz, da temperatura, do cheiro e por vezes dos sons. Segue-se um exemplo para uma tarde de Verão. Uma zona como a mata, apresenta uma menor luminosidade, é mais fresca, tem um cheiro mais húmido, e é acompanhada pelo som da água e dos pássaros, que é abafado pela copa das árvores. Por outro lado, o campo de cereal apresenta muita luminosidade, uma temperatura elevada, um cheiro mais seco e é possível ouvir o som dos grilos.

Pode-se concluir que o sistema de vistas e relações se encontra num estado razoável de conservação: não existe uma coerência no pavimento, e muitas vezes a leitura dos percursos está afectada, quer pela falta de vegetação que define os limites do mesmo, ou pela vegetação que cresce livremente e obstrui o eixo visual existente.

Planta 8/14

3. Conceito

Após a análise efectuada, surge-nos o conceito que será o elemento orientador de todo o projecto de intervenção.

De acordo com a análise efectuada, torna-se evidente que o espaço de intervenção apresenta uma combinação de relevo, solos e presença de água únicas, dando origem a um microclima extremamente raro para as circunstâncias alentejanas, o que torna propício o desenvolvimento de algumas espécies exóticas, como a cameleira (*Camellia japonica*), a magnólia (*Magnolia grandiflora*) e a hortênsia (*Hydrangea macrophylla*). É a partir desta vegetação exótica surge o conceito: *A singularidade do exótico*.

Esta singularidade do exótico surge, como já foi referido, das condições micro climáticas especiais, que tornam esta quinta palco de uma vegetação única a nível do Alentejo, onde a herdade se insere como elemento da paisagem vernacular portuguesa.

Pretende-se então com o projecto de intervenção preservar o carácter do lugar, tirando partido destas condições micro climáticas, e das espécies que aqui se encontram. Após a definição deste conceito e após a análise das filosofias de intervenção (ver Matos 1999) - considerou-se os conceitos básicos da reabilitação e da conservação como sendo as mais adequadas para uma correcta recuperação da quinta da Herdade



Figura 43 – Flor da *Camellia japonica*

do Paicão. A reabilitação defende, em termos gerais, uma adaptação de áreas e de elementos na quinta, de modo a cumprir as necessidades de uma nova função ou situação, não se querendo no entanto alterar de tal modo o espaço, que seja necessário criar documentos que registem o desenho actual da quinta. (Taborda, 1993). A conservação defende ainda a protecção e a manutenção da integridade histórica e da sensibilidade do local. Uma vez que a sensibilidade do local se prende a aspectos estéticos, estes aspectos garantem que seja possível manter o equilíbrio entre um recurso de lazer – o jardim – e o interesse que este contém.

O tema do projecto prende-se com o objectivo e o tipo de acção que se irá desenvolver na quinta, sendo que o tema do *Percurso* é o que mais se adequa ao projecto. Este tema surge uma vez que a quinta é composta por diversas zonas de estadia e de passagem, onde cada uma delas oferece uma ambiência e um programa

diferente. O projecto de intervenção deve então reabilitar e criar um sistema de percursos que encaminhe o utilizador do espaço para e pelas diferentes áreas no espaço de intervenção.

Pretende-se assim reabilitar e conservar zonas da quinta que estejam destruídas ou alteradas, de modo a preservar esta singularidade de vegetação e amenidade climática no coração do Alentejo.

4. O Projecto

O projecto de intervenção apresentado consiste na elaboração de num estudo prévio para o local, o que poderá numa segunda fase de projecto, ser mais aprofundado dando origem a um projecto de execução. A proposta baseia-se na aplicação do conceito e do tema desenvolvidos a partir da análise efectuada. O estudo prévio pretende dar resposta aos objectivos propostos, respeitando o carácter do lugar através do reconhecimento da importância da Quinta no contexto da herdade, assim como da importância das características edafo-climáticas e paisagísticas alentejanas no desenho do espaço.

4.1. Peças desenhadas

Plantas 1 a 8 – plantas de análise. Estão integradas neste documento e que dizem respeito ao capítulo em que se inserem.

Planta 9 – Levantamento da vegetação. Refere-se ao levantamento de vegetação referido no capítulo 2.2., e representa a localização das espécies existentes no espaço de intervenção.

Planta 10 – Representação esquemática da vegetação e percursos propostos - Representam-se apenas estes dois sistemas numa proposta mais esquemática, uma vez que é nestes a que se propõe uma alteração mais significativa. Na planta de percursos representam-se os percursos propostos, realçando estes em relação à restante proposta, tornando-se mais fácil a sua apreensão enquanto conjunto. Na planta de vegetação dá-se mais ênfase à vegetação, demonstrando como se propõe densificar a zona de mata criando uma zona única e coerente, o completar da quadrícula do pomar, e também a definição clara das sebes e alinhamentos arbóreos.

Planta 11 – Proposta de intervenção – Planta geral. Representação gráfica da proposta, com indicação em perspectiva de alguns pontos de maior relevância na apresentação da proposta.

Planta 12 – Cortes. Apresenta dois cortes realizados sobre a proposta de intervenção. Na parte superior do corte está a indicação da zona e de elementos de interesse; e na parte inferior representa-se o estudo de sol/sombra ao longo do corte, de modo a obter uma melhor leitura espacial.

Planta 13 – Plano de plantação. Representa, a título de estudo prévio, as espécies e exemplares a introduzir e a remover.

Planta 14 – Localização dos elementos construídos. Planta de levantamento dos elementos construídos no espaço de intervenção, do anexo III.

4.2. Linhas gerais de intervenção

As linhas gerais de intervenção pretendem apresentar uma introdução ao projecto, descrevendo os aspectos mais importantes que irão ser abordados no estudo prévio. É fundamental referir que, uma vez que o conceito surge do carácter do lugar, a *singularidade do exótico* é de facto um aspecto a preservar e enaltecer. Como já foi referido anteriormente, seguiram-se as filosofias de intervenção da reabilitação e da conservação. Pretende então o projecto reabilitar e conservar toda a zona de horto de recreio, a horta e os elementos construídos degradados. Propõe-se densificar massa de vegetação autóctone, nomeadamente da mata, de modo a criar uma zona mais densa e coerente envolvente à clareira onde se insere o jardim de buxo, aumentando assim o efeito de surpresa. Deste modo a mata ganha também mais expressão, ao mesmo tempo que estabelece uma ligação muito importante com a envolvente do espaço. Esta ligação não ocorre apenas em termos visuais, mas também em termos ecológicos, uma vez que esta mata ribeirinha desempenha um papel importante nos ciclos ecológicos associados a este ecossistema. O projecto pretende ainda reactivar a zona de horta e pomar, completando a quadrícula do pomar, e reinstalando a zona de horta. Propõe-se ainda um sistema de percursos coerente que permita a fruição do espaço de intervenção, de modo coeso e contínuo. Pretende-se ainda reforçar a alternância entre zonas de sol e sombra.

Este projecto de intervenção, através das acções referidas, pretende também dar resposta a aspectos económicos como por exemplo através da recuperação e activação da zona de horta. O restauro e funcionamento do sistema de rega antigo, é um aspecto importante em termos culturais, uma vez que dá ao utilizador uma perfeita imagem de como o sistema funcionava, e que agora é substituído por meios automáticos.

4.3. Memória descritiva e justificativa

A memória descritiva e justificativa tenta colocar em texto e descrever as alterações a realizar, acompanhadas por uma justificação fundamentada. Para o projecto de execução será necessário elaborar uma memória descritiva e justificativa mais completa e mais detalhada. O projecto será abordado pelos vários sistemas que o compõem, de modo a que se consiga perceber cada um destes sistemas, e a ligação entre eles.

O sistema de relevo não irá sofrer alterações significativas, uma vez que os patamares ainda se encontram bem definidos, e o uso proposto para cada um corresponde, na maioria dos casos, ao uso actual.

No sistema de vegetação integram-se todas as espécies arbóreas e arbustivas, que pelo seu conjunto se pretendem reformular. No anexo IV encontra-se um quadro, onde se resumem as características básicas das espécies arbóreas e arbustivas referidas no projecto. Na zona de mata, que se pretende densificar, propõe-se a plantação de espécies arbóreas e arbustivas características dos “habitats” identificados, de modo a criar uma massa densa e contínua. Para tal, propõe-se a remoção da área de canas e a zona de pomar mais a Sudoeste no espaço, para estas zonas serem ocupadas pela mata. A mata deverá ainda estender-se ao longo das linhas de água para além do limite do espaço de intervenção, criando um contínuo ecológico com a envolvente. Na zona mais a Sudeste, junto ao campo de cereal, a mata irá estender-se ligeiramente sobre a zona de cultivo, de modo a criar uma maior sinuosidade e coerência no desenho. Esta mata irá ser composta por vegetação característica dos “habitats” existentes, os quais se pretendem promover e recuperar. Aparecem então na mata espécies como o loureiro (*Laurus nobilis*), freixo (*Fraxinus excelsior*), lódão (*Celtis australis*), salgueiro-branco (*Salix alba*), sanguinho-da-água (*Rhamnus frangula*), borrazeira negra (*Salix atrocinerea*), ulmeiro (*Ulmus minor*), borrazeira branca (*Salix salvifolia*) e salgueiro frágil (*Salix fragilis*). Pretende-se ainda introduzir o amieiro (*Alnus glutinosa*) de modo a complementar o “habitat” existente e o choupo-negro (*Populus nigra*) devido às suas características sonoras e visuais nas diferentes estações do ano. A introdução do amieiro deverá ocorrer junto de um elemento de represa de água, uma vez que esta espécie necessita de água permanente durante todo o ano. Uma presença mais efectiva destas espécies autóctones na mata não aumenta apenas a biodiversidade, como contribui para um maior contraste entre a vegetação autóctone e exótica, reforçando deste modo o conceito de intervenção.

Pensou-se na recuperação do pomar, através da replantação da quadrícula das laranjeiras, que se apresenta incompleta, e através da substituição de exemplares que apresentem um aspecto fitossanitário degradado. Deste modo será possível usufruir do potencial do pomar, tanto em termos quantitativos como qualitativos. Em relação à horta, redesenhou-se a mesma de modo a reproduzir a imagem de todo um sistema de quinta mais completo, ao mesmo tempo que se poderá tirar partido para o uso gastronómico ligado ao turismo rural. Esta horta apresenta também aspectos pedagógicos, uma vez que se propõe a prática da agricultura biológica. Para o campo de cereal propõe-se que se mantenha o uso actual.

No que se refere às outras áreas propõe-se, no geral, que sejam recuperadas. Para a zona de entrada no espaço, propõe-se a recuperação e limpeza dos bancos, e a definição do limite desta zona através do pavimento. Esta é uma zona importante uma

vez que representa a primeira zona que o utilizador do espaço conhece, e a partir da qual pode descobrir vários percursos que têm início neste local, e que apresentam várias hierarquias. Na zona Sudoeste do espaço, encontra-se o Jardim de Buxo, que surge como clareira na mata densa, criando um *efeito surpresa* para quem o descobre. Propõe-se a recuperação deste, principalmente da sua forma original, e também da vegetação contida nos canteiros formados pelas pequenas sebes. Projectou-se a plantação de mais alguns exemplares de cameleiras e magnólias para o Jardim de Buxo, de modo a reforçar a sua variedade florística exótica. Propõe-se a recuperação do elemento de água central ao jardim de buxo, e a introdução de um elemento construído de valor plástico no seu centro, e que funciona ao mesmo tempo como elemento de adução de água. Este elemento pretende preencher uma zona vazia e degradada no centro da taça de água, onde se pensa já ter estado uma escultura, elemento característico dos jardins de buxo. Propõe-se a limpeza de espécies invasoras das sebes que limitam este espaço, de modo a definir claramente o limite entre esta zona e a mata envolvente. Considera-se manter o edifício adjacente ao jardim de buxo, que deve ser mantido como apoio a actividades de manutenção de todo o espaço de intervenção. Na zona de entrada para o jardim de buxo encontram-se dois bancos que se propõe manter, uma vez que servem de apoio à fruição deste espaço.

A Norte deste espaço encontra-se o banco em forma semicircular, onde se propõe uma sebe de buxo, de modo a definir claramente esta zona de estadia, que representa um extremo importante do eixo visual e pedonal que se desenvolve para Nordeste deste. Esta sebe pretende ainda formalizar a divisão entre esta zona de estadia, e a zona adjacente a Norte da mesma, pelo que se desenvolve de modo paralelo a este eixo, fechando de modo simétrico pelas traseiras do banco. Deste modo cria-se uma zona mais intimista de recepção e início do eixo, que apresenta um limite definido e claro, e onde este elemento de estadia surge como ponto de fuga importante. A sebe que delimita esta zona não representa um elemento sempre contínuo, uma vez que esta zona representa um ponto de partida para os percursos deambulantes para outras zonas no espaço. A sebe proposta, conjugando com a vegetação autóctone, pretende ainda criar um obstáculo visual para a entrada na clareira do jardim de buxo. A Norte desta zona encontra-se um elemento de água, ao qual estão associados um banco (a Este) e um conjunto com uma mesa central e três bancos (a Sudoeste). Para o banco propõe-se a sua recuperação, uma vez que este se localiza numa zona em que se pode desfrutar do elemento de água e a cascata adjacente, contrastando estes elementos com a mata densa, que se desenvolve do lado oposto do banco, criando aqui uma maior dicotomia entre o autóctone e o exótico. Para aceder ao conjunto de elementos do lado oposto ao elemento de água, é necessário atravessar uma pequena ponte que se encontra a Norte deste, e subir por uma escada. Propõe-se um elemento de vegetação denso entre o elemento de água e o acesso ao conjunto referido, de modo a que este surja como elemento de surpresa.

O tanque, que se encontra imediatamente a Este dos elementos referidos anteriormente, possui para além das suas funções de armazenamento de água, um banco na sua parte mais a Noroeste. Este banco é dispositivo de fruição, a partir do qual se observa a mata para um lado, o espelho de água e um eixo pedonal importante para o outro lado. Esta pequena zona de estadia é completada pela sonoridade da água que entra no tanque por detrás do banco. Pretende-se que esta zona seja recuperada em termos da estrutura do elemento de água, que se encontra degradada.

Para a zona de estadia que se desenvolve em torno do elemento de água circular, a Norte no espaço, pensou-se na sua recuperação, tanto dos elementos construídos como da vegetação. Como elemento construído mais relevante destaca-se aquele mais a Norte, que representa um banco sobrelevado com acesso por degraus, de ambos os lados. Pelas traseiras deste elemento surge uma entrada de água no espaço, que se torna importante na adução ao elemento de água, tanto como um pequeno ramal que segue pela construção do banco elevado, e leva a água até à pequena cascata de embrechados que se encontra neste local. Propõe-se então a recuperação deste pequeno sistema hidráulico e dos embrechados. Adjacente a esta cascata encontra-se um banco, que se propõe recuperar uma vez que é um bom espaço de fruição. Reforçando o elemento de água propõe-se a criação de uma sebe de buxo que acentua a forma circular deste elemento e define claramente o limite desta zona com a zona de vegetação autóctone envolvente. Existem ainda dois bancos individuais, adjacentes à sebe que circunda o elemento de água, e que se pretendem requalificar e integrar no novo desenho. A partir desta zona de estadia para Sul-Sudeste desenvolve-se um eixo visual e pedonal forte, que é pontuado com alguns elementos de fruição, como o caramanchão, o arco em buxo, e um conjunto de dois bancos associados a uma estrutura de atravessamento. Propõe-se a recuperação do caramanchão, e a plantação de espécies trepadeiras no mesmo, como a glicínia (*Wisteria sinensis*), pelas suas características ao nível da textura das folhas, pela flor e pelo odor agradável. Esta estrutura representa uma importante fonte de frescura, e surge como elemento de estadia mais intimista e singular. Possui no seu interior dois bancos, que se pretendem recuperar através da sua limpeza, e reformulação dos apoios, de modo a apresentarem uma altura mais confortável de 0.5m. Outro momento ao longo deste eixo é o arco em buxo. Este elemento de topiária representa um elemento bastante antigo, determinado pelo tronco muito desenvolvido destes exemplares. Pensou-se então na manutenção destes exemplares, que devem ser podados de modo a realçar a forma de arco, e evidenciando a passagem pelo arco. Já na zona de entrada na mata surgem os dois bancos, que fazem parte de uma estrutura de atravessamento da ribeira do Paicanito. Estes dois bancos criam uma zona de estadia que marcam a transição entre a zona definida e exótica do jardim, para uma zona mais “selvática” e autóctone, que é a mata. Esta transição é de grande importância, uma vez que evidencia a singularidade do exótico presente no espaço

anterior, que contrasta com a vegetação densa da mata. Assim estes dois bancos são um elemento importante, onde o utilizador pode reflectir sobre esta transição, ao mesmo tempo que se sente a presença da ribeira, que é um elemento importante na criação deste microclima que torna esta “singularidade do exótico” possível. Já a Sudeste no espaço, na zona de transição entre a zona de mata e uma zona mais aberta, encontra-se outra estrutura semicircular que representa a passagem entre a zona de mata, para a zona de produção, nomeadamente a zona de horta e de campo de cereal. Este elemento também está associado a uma estrutura de atravessamento, onde se propõe recuperar todo este conjunto. Esta zona representa uma zona de estadia onde se pode apreciar o aspecto de produção e importância ecológica da mata, e do campo de cereal e da horta. Pensou-se para isso que os assentos destes bancos sejam revestidos com uma placa informativa, onde se apresentam algumas palavras-chave que suscitam pensamentos relativos a estes aspectos, utilizando-se para tal um banco para a zona de mata, e o outro para a zona de horta e campo de cereal.

Propõe-se a criação de mais quatro zonas de estadia, no espaço de intervenção, que permitem ao utilizador do espaço obter diferentes perspectivas deste, de acordo com os novos percursos e actividades propostas. Uma zona de estadia localiza-se na zona Sul do espaço, no local onde o eixo que atravessa o espaço num sentido Norte-Sul se encontra com o muro da Quinta. Aí, propõe-se um banco que convida a uma estadia. Este muro representa o limite físico da Quinta, mas também um elemento de divisão entre o montado de sobro e uma mata ribeirinha densa, elemento fundamental neste pequeno ecossistema que torna possível a perseverança de espécies exóticas. A segunda zona de estadia proposta localiza-se no extremo Este do espaço de intervenção, adjacente a um alinhamento de freixos, ao longo do qual se desenvolve também o percurso. Este local tira partido da relação entre a vegetação autóctone, e a cultura de cereal presente: o freixo é sinónimo de transição de uma zona mais húmida para uma mais seca, que já permite a cultura do cereal que necessita de condições mais secas. Neste local é ainda possível observar, depois do campo de cereal, as copas das oliveiras numa cota ligeiramente mais elevada no exterior do espaço de intervenção, já que necessitam de um solo mais drenado. Pensou-se numa terceira zona de estadia no extremo Nordeste do espaço, que se relaciona muito com a zona descrita anteriormente, uma vez que a partir deste banco é possível observar, além do campo de cereal, a mata densa e verdejante, numa cota mais baixa. Deste modo percebe-se a relação entre a vegetação e a proximidade à água, observado de um ângulo de visão mais afastado. A quarta zona de estadia localiza-se na zona de horta, no limite Norte da mesma. O banco proposto localiza-se de modo que seja possível observar a zona de horta, ao longo do eixo que a percorre. Com a proposta de criação destas quatro novas zonas de estadia na zona de mata, campo de cereal e horta, pretende-se que o utilizador se aproprie destas zonas, relacionando-as com as zonas adjacentes.

Para a descrição do sistema de percursos, propõe-se a integração do sistema de vistas e relações, uma vez que estes dois sistemas possuem algumas características em comum. O sistema de percursos visa dar a conhecer toda a zona de intervenção, de um modo coerente e contínuo. O sistema de vistas procura evidenciar alguns eixos visuais, ou pontos de vista, de modo a proporcionar uma visão por vezes global, outras vezes linear ou pontual do espaço. Pretende-se recuperar os percursos principais existentes, através da formalização de um pavimento e da poda ou remoção de espécies vegetais que obstruem estes percursos. Esta descrição dos percursos e vistas divide-se nos eixos, visuais e pedonais, e nos percursos deambulatórios. Os eixos pretendem ser um elemento de ligação entre as diferentes zonas, ao longo dos quais se experienciam diferentes ambiências, enquanto os percursos deambulatórios se concentram num elemento, e o tentam explorar na sua totalidade.

Torna-se importante referir as zonas de cruzamento de percursos uma vez que estas representam o ponto de encontro entre dois percursos a partir do qual o utilizador decide para onde pretende prosseguir, e as zonas de estadia, que podem surgir ao longo de um percurso, ou no término deste, onde se decide se quer prosseguir o percurso ou se usufrui desta zona de estadia.

Como eixos a recuperar identifica-se:

- o eixo que parte da entrada do espaço, e que se desenvolve para Oeste;
- o eixo que se desenvolve ao longo do limite Norte do espaço;
- o eixo que estabelece a ligação entre o Norte e o Sudeste do espaço.

Para este primeiro eixo propõe-se a recuperação da sebe que o delimita, uma vez que esta sebe representa um elemento importante que confere uma força axial forte ao percurso. Propõe-se que este percurso se mantenha, e que a sebe que o delimita tenha uma altura de 2m, de modo a formalizar um limite físico e visual para com a envolvente. Deste modo induz-se o utilizador a ser encaminhado para o interior do espaço do jardim, concentrando-se na aproximação ao elemento de água. Este percurso desenvolve-se à sombra da mata que está a Sul do mesmo, e vai de encontro ao tanque que se encontra à meia sombra. O percurso contorna o elemento de água por ambos os lados, de modo simétrico, sendo que o percurso pelo lado Norte vence o desnível através de um conjunto de degraus, enquanto no percurso pelo lado Sul se encontra uma rampa, de modo a facilitar o acesso a pessoas de mobilidade reduzida. Quando o utilizador se encontrar então do lado Noroeste deste elemento de água, encontra-se já no interior do jardim, e poderá apreciar o eixo que acabou de percorrer, uma vez que se encontra numa cota mais elevada. Nesta zona de mais luminosidade cruza-se o eixo que percorre o espaço de Oeste para Este, no limite Norte do espaço. No extremo mais a Oeste deste eixo, desenvolve-se a zona de estadia descrita

anteriormente e que funciona como ponto de fuga importante, enquanto para a zona mais a Este se desenvolve um eixo, definido pelo crescimento livre de exemplares de *Laurus nobilis*, que fecham este percurso no seu topo.

Propõe-se para este percurso, que se desenvolve no limite Norte do espaço, que o seu limite seja formalizado, também, por uma sebe de buxo de ambos os lados, o que define de modo mais claro a força deste eixo. A massa densa de vegetação autóctone que se desenvolve igualmente ao longo deste eixo anula qualquer relação com as zonas exteriores deste eixo, aumentando assim o efeito de surpresa e de curiosidade de quem o percorre. Este percurso será um eixo bem definido, mais sombrio e mais fresco. No centro do espaço este eixo termina ao se encontrar com outro eixo, que se desenvolve num sentido Norte-Sul no espaço.

Este eixo que estabelece a ligação entre a zona de jardim com a zona de mata apresenta o extremo Norte bastante forte, pela presença do elemento de água circular, e por todos os momentos de fruição que se desenvolvem em torno deste. O eixo atravessa vários elementos de fruição, como o caramanchão, o arco de buxo e uma estrutura de atravessamento. Estes elementos que se dispõem ao longo deste percurso rectilíneo proporcionam ao utilizador pequenos momentos de extrema importância, uma vez que tornam o percurso mais interactivo. É de notar neste percurso um acentuado ritmo de sol/sombra desde o elemento de água, até ao final do percurso, onde domina a sombra – mata. Propõe-se a plantação de uma sebe de ambos os lados do percurso, com uma altura de 1 metro, de modo a realçar o aspecto de fruição deste eixo, materializar o seu limite e distinção com as zonas de pomar e horta, e ainda para que seja possível estabelecer uma relação visual com estes elementos adjacentes. Este percurso desenvolve-se entre a zona de pomar e a zona de horta, que representam duas zonas de produção, mas que no entanto apresentam características distintas, uma vez que a zona de horta é composta por espécies anuais e herbáceas e pequenas arbustivas, enquanto na zona de pomar são espécies arbóreas. Este percurso culmina com a entrada na mata, na qual se dirige até perto do muro da quinta.

Torna-se importante referir aqui o limite do espaço, onde se propõe um contacto visual e físico com o muro que delimita a quinta. Este contacto pretende realçar no utilizador o facto de este se encontrar num espaço contido, o que se torna um aspecto importante na transição do conceito para o projecto, uma vez que o muro pretende evidenciar as diferenças entre o espaço de intervenção, mais ordenado, exótico e mais fresco e a sua envolvente, “mais naturalizada” e autóctone.

No que respeita os percursos deambulatórios, podemos distinguir quatro: o percurso pela mata, o percurso pelo campo de cereal, o percurso pelo pomar e o percurso pela zona de horta. Uma vez que estes percursos visam explorar o elemento

da quinta no qual se desenvolvem, estes assumem um desenho que se tenta relacionar com a essência desses elementos, de modo a melhor perceber o seu funcionamento.

Propõe-se que o percurso pela mata se desenvolva de modo sinuoso, e que acompanhe na zona mais a Sudeste, o percurso da ribeira de Paicanito. Na zona mais a nascente da ribeira, propõe-se que este se desenvolva, também de modo sinuoso pela mata, dando a conhecer o jardim de buxo, o patamar superior da quinta, e o elemento de captação que se situa no extremo Oeste do espaço. O facto de o percurso se concentrar parcialmente na ribeira em si, como também numa zona de mata mais afastada desta, procura estabelecer uma ligação entre estes dois meios, ao mesmo tempo que pretende demonstrar as suas diferenças. Assim, todo este percurso terá uma grande importância no que respeita ao conhecimento da vegetação autóctone deste ecossistema ribeirinho, ao mesmo tempo que o seu desenho sinuoso se perde na plantação menos ordenada, ou seja mais naturalizada das espécies aqui presentes. Este percurso desenvolve-se principalmente à sombra, criada pela mata densa. Na zona do jardim de buxo surge uma clareira criada pela ausência de vegetação arbórea, que acaba por permitir uma grande luminosidade que contrasta com a sombria mata envolvente.

O percurso pelo campo de cereal, uma vez que a sementeira se apresenta como uma mancha única e contínua, guia-se pelos alinhamentos de vegetação arbórea existentes no espaço. Estes alinhamentos de vegetação proporcionam também alguma sombra ao longo do percurso que se desenvolve, em grande parte, ao sol. A ênfase dada ao sol ao longo deste percurso, e o contraste deste com a zona de mata, pretende reforçar por um lado o microclima existente no interior da mata – possibilitando a existência de espécies como a cameleira, e por outro alertar para a robustez das espécies adaptadas e este clima quente e seco. Do modo como o percurso se desenvolve, proporciona ao utilizador uma noção da dimensão do campo de cereal, passando pelo seu limite na zona Este do espaço, e atravessando-o pelo centro, adjacente à vala de drenagem. A proximidade à vegetação arbórea nesta zona, principalmente freixos, torna-se também relevante, uma vez que representam espécies que se desenvolvem em solos ligeiramente afastados das linhas de água.

O percurso pelo pomar é definido pela quadrícula das árvores de fruto aqui presentes. Este percurso pretende dar a conhecer ao utilizador as diferentes espécies aqui presentes, como também demonstrar o sistema de rega antigo, onde se poderá observar a saída da água do tanque, adjacente a Oeste do pomar, uma caleira que encaminha a água para perto das zonas pretendidas, e depois um sistema de valas em terra que permitem o infiltrar da água nos locais desejados. Neste percurso é ainda possível observar, e atravessar uma vala de drenagem, que nas estações mais chuvosas, drena a água em excesso presente no solo. É de referir também o ritmo de sol/sombra presente em todo o pomar, que é criado através da plantação das árvores

em quadrícula. O percurso proposto, com ângulos rectos, pretende reforçar a esquadria de plantação, assim como o ritmo existente tanto ao nível das árvores aqui presentes, como das suas sombras.

Para o percurso da horta, propõe-se um percurso rectilíneo que atravesse este elemento num sentido aproximadamente Norte-Sul. Este percurso apresenta uma geometria mais rígida, inspirado na geometria rectangular dos canteiros da horta, maioritariamente perpendiculares entre si. Propõe-se a criação de percursos sazonais pelo interior da horta, de acordo com as culturas hortícolas presentes nas diferentes épocas, de modo a dar a conhecer estas ao utilizador do espaço.

Com esta proposta de intervenção propõe-se aumentar o sistema de percursos para um total de aproximadamente 1860m, que representa cerca do dobro dos percursos actualmente existentes no espaço. Os percursos propostos assumem tanto funções contemplativas como de apoio à produção. O percurso pela horta é reformulado de modo a tirar um maior partido recreativo do mesmo, ao mesmo tempo que o seu limite é materializado apenas pela diferenciação ao nível do pavimento, possibilitando a sua utilização também para apoio à produção.

No que respeita os pavimentos, propõe-se que o pavimento de calçada presente no eixo pedonal limitado por buxos, que se encontra na entrada do espaço seja recuperado, propondo-se a calçada já existente, de 5*5mm para as zonas degradadas. A permanência deste pavimento prende-se com a probabilidade de este poder ter sido o pavimento aplicado no momento de execução do jardim. Propõe-se ainda que o pavimento em calçada se estenda até ao eixo que se desenvolve no limite Norte do espaço, delimitando deste modo o limite deste eixo e percurso. Para um percurso sazonal da zona de horta propõe-se que este seja formalizado apenas pelo ligeiro compactar do solo, sem aplicação de um pavimento mais formalizado, de modo a reforçar a entrada na zona de cultivo e a proximidade ao solo em si. Para os restantes percursos pensou-se em saibro, uma vez que é um pavimento permeável, de fácil utilização, e que se enquadra melhor no ambiente rural em que a quinta se insere.

O sistema hídrico e hidráulico tem por base as linhas de água naturais, os elementos de captação, armazenamento e distribuição da água e as valas de drenagem. As linhas de água, integradas no sistema hídrico, entram de modo natural no espaço de intervenção a Sudoeste, Nordeste e no centro Norte, e desenvolvem-se pelas linhas de vale existentes no espaço, acabando por convergir numa linha maior, que sai do espaço de intervenção na zona Sudeste deste. Propõe-se a recuperação destas linhas de água, através da remoção de espécies que não pertençam a este meio ribeirinho, ou que dificultem de modo substancial o fluxo ou a qualidade da água. O lago que se encontra nas traseiras do edifício adjacente ao jardim de buxo irá ser

recuperado e limpo, tanto como a linha de drenagem que abastece este lago, que será formalizada pela abertura de uma vala e fixada através de vegetação ripícola.

No que respeita o sistema hidráulico, propõe-se que este seja totalmente recuperado, possibilitando o seu pleno funcionamento. Deste modo será possível proceder à rega através deste sistema, em modo demonstrativo, pelo valor cultural e patrimonial que apresenta. A rega deve ser assegurada através de mecanismos que visam o menor consumo de água possível, como por um sistema de gota-a-gota, nas zonas de horta, pomar e jardim, e com aspersores regulados consoante a necessidade, na zona de campo de cereal. As estruturas de captação de água devem ser limpas e recuperadas, de modo a garantir quantidade e qualidade da água captada. As estruturas de armazenamento, apesar de estarem integradas no sistema hidráulico, são importantes também como elemento de frescura e espelho de água, razão pela qual estes elementos devem conter sempre água. Uma descrição mais pormenorizada das medidas de projecto a realizar neste sistema só serão possíveis realizar após um estudo mais aprofundado deste sistema, nomeadamente um levantamento arqueológico e histórico do jardim.

Para o sistema dos elementos construídos propõe-se a recuperação dos seus elementos, de acordo com as indicações no anexo III, onde se pensou em medidas específicas para cada elemento. Os projectos de arquitectura que irão ser elaborados para os edifícios habitacionais devem respeitar o contexto histórico e cultural em que estes se inserem. O muro de protecção da quinta deve ser recuperado com o mesmo aparelho construtivo.

4.4. Medidas cautelares

De um modo geral devem ser removidos os exemplares mortos, nomeadamente árvores e arbustos, e também aqueles que apresentem elevados riscos de queda, a qual possa destruir outros elementos ou mesmo por em risco a segurança dos utilizadores do espaço. As espécies invasoras devem ser removidas na sua totalidade, como é o caso da acácia, de modo a prevenir a sua proliferação pelo espaço, e consequente competição com as espécies autóctones. Deve também ser activado o controlo de adaptação das novas espécies através de uma verificação regular do seu crescimento, de modo a que estas se desenvolvam de um modo saudável.

4.5. Plano de gestão

Um plano de gestão representa um elemento essencial como parte integrante de um projecto, uma vez que é este que vai garantir que a imagem criada do jardim se mantenha, ou que evolua de acordo com critérios predefinidos.

Para este projecto em particular, não se rejeita a ideia de inalterabilidade, uma vez que a recuperação do jardim ocorre sem recurso a qualquer documento que comprove o desenho original do jardim, pelo que não se exclui a possibilidade do aparecimento de documentos antigos do jardim. Para o caso de tal eventualidade, e se este documento demonstrar a existência ou ausência de alguns elementos vegetais ou construídos, esta questão deverá ser analisada por parte de uma equipa adequada para o efeito, que irá decidir o modo de prosseguir. Para o caso de haver alguma alteração, esta deve ser fundamentada e executada apenas se se demonstrar ser relevante e interessante no aspecto cultural e patrimonial e, ao nível da identidade do local.

No que respeita o plano de gestão, este apresenta três fases distintas de curto, médio e longo prazo, dado pela escala temporal de 5, 20 e 50 anos. Entendeu-se ainda necessário definir diferentes zonas de gestão, uma vez que as acções de gestão são distintas de acordo com a área a intervir. Definiu-se então a zona de mata, de horto de recreio, de pomar, de campo de cereal e de horta como zonas de gestão distintas, e que serão abordadas individualmente de seguida. Os elementos construídos serão igualmente alvo de acções de gestão, uma vez que necessitam de uma manutenção adequada para prevenir, ou retardar, o seu processo de degradação.

Em termos de “habitat”, a mata apresenta-se bastante degradada, uma vez que apresenta pouca diversidade florística e afigura-se pouco densa. O objectivo do projecto passa por reforçar a mesma, com recurso a espécies adaptadas a este “habitat”, aumentando deste modo também a biodiversidade. O processo para densificar e introduzir variedade florística na mata, deve seguir o plano de gestão apresentado, de modo que a mata se apresente sempre densa. Em relação à mata, também Sutherland, W. e Hill, D. (2007) defendem que a maioria das zonas de bosque necessita de manutenção, por um lado para manter a fauna silvestre, como por exemplo através da manutenção de clareiras, e por outro lado no que respeita ao rendimento do bosque como fonte de material como lenha e outros produtos, o que irá criar um bosque diversificado ao nível da idade da vegetação. Num período de 5 anos prevê-se que a mata se apresente já mais densa, porém com as espécies arbóreas ainda com dimensões pequenas. Os exemplares de *Laurus nobilis* deverão permanecer no espaço, de modo a manter o carácter de bosque, e de modo a induzir o desenvolvimento vertical das espécies introduzidas. Após um período de 20 anos, os exemplares terão atingido uma altura considerável pelo que se poderá proceder, de modo gradual, à eliminação de alguns exemplares de *Laurus nobilis*, e plantação de

diversos exemplares propostos. Durante os anos seguintes, deverão também ser substituídos exemplares que apresentem um estado fitossanitário pouco saudável. Após um período de sensivelmente 50 anos, estaremos na presença de uma mata bem desenvolvida, diversificada em termos de espécies, e em termos de idades dos exemplares arbóreos. Será necessário, em todo o tempo, manter os percursos livres de vegetação, de modo a não impedir a circulação pelo mesmo, tanto como o pavimento do percurso em si, que deverá ser alvo de uma manutenção periódica adequada.

Deverá ainda ser promovida a cartografia da área da mata, de modo a registar o local e principalmente a data de introdução e remoção de exemplares. Esta cartografia poderá representar importantes informações sobre o desenvolvimento da mata. A introdução de espécies deve ser promovida através da utilização de estacas colhidas em árvores locais, para que se promova o uso de exemplares adaptados ao local. Pretende-se promover a estacaria em viveiro local, com excepção do amieiro, uma vez que será uma espécie nova, deverá ser adquirida de um viveiro na zona de Évora. É de notar ainda que se deverá interditar qualquer movimentação de máquinas pesadas, e condicionar as construções de aproveitamento de água. Não será permitida a entrada de gado neste espaço.

O horto de recreio apresenta maioritariamente espécies exóticas, que se devem sempre manter uma vez que vão de encontro com o conceito – *Singularidade do exótico*. Deverão ser replantados os exemplares que se apresentem degradados, por exemplares iguais. Esta plantação deverá ocorrer com espécies já com alguma dimensão, de modo a não distorcer a imagem do conjunto em que se inserem. As espécies que compõem as sebes devem ser podadas regularmente, de modo a preservar o seu aspecto e função.

O pomar representa-se por uma quadrícula regular de espécies arbóreas frutíferas, cuja principal função e objectivo é o de produção de frutos. Esta característica deverá ser mantida ao longo dos próximos anos, de modo a valorizar a diversidade de funções da quinta, como elemento gerador de lucro, e uma vez que o pomar é um elemento fundamental no conjunto de qualquer quinta. De modo a conseguir uma produção de qualidade e quantidade, o pomar deve ser alvo de acções de gestão que favoreçam o estado fitossanitário das espécies nele presentes. Estas devem ser alvo de podas anuais, e devem ser substituídas quando necessário por exemplares mais jovens. O aspecto do pomar deverá permanecer idêntico ao longo do plano de gestão proposto, tendo porém em conta o crescimento dos exemplares em altura e diâmetro, de acordo com a poda executada.

O campo de cereal e a horta constituem elementos importantes, uma vez que produzem cereais e legumes, servindo de alimento, como fonte de rendimento, e

como elemento pedagógico. Pretende-se que a zona do campo de cereal continuará a servir como produção de cereal, indo de encontro com as necessidades da herdade. A zona mais a Oeste do campo de cereal deverá ser reconvertida em zona de horta, uma vez que este é um elemento fundamental neste conjunto. Deverão ser promovidas boas práticas agrícolas, em detrimento do uso abusivo de pesticidas e fertilizantes químicos. O uso abusivo destas substâncias irá levar a uma intensiva monocultura, que tem sido uma das causas da consecutiva perda de diversidade ao nível da vida selvagem. (Sutherland, W. e Hill, D. (2007)), sugerindo-se assim a prática de agricultura biológica. Estes autores referem que deverá ser considerado que ao promover e maximizar a biodiversidade ao nível deste habitat, fortalece-se a inter-relação entre as zonas de produção e as zonas adjacentes. Deverá ser introduzido, num ciclo determinado de acordo com as espécies a semear, um período de pousio na zona de cereal. Será então promovido um uso de produção para estas duas zonas, que deverá ser mantido ao longo do plano de gestão proposto.

Em relação aos elementos construídos, estes representam todos os elementos representados e descritos no capítulo do levantamento dos elementos construídos, abordado anteriormente. O plano de gestão para estes elementos visa a sua correcta manutenção, de modo a que estes se mantenham num bom estado de conservação. Para alcançar este objectivo, estes devem ser alvo de uma inspecção periódica adequada, de modo a determinar se necessitam de alguma intervenção.

De um modo geral, este plano de gestão pretende apresentar acções de manutenção que promovam a imagem criada através do projecto de intervenção apresentado. Pretende-se que o espaço amadureça, nomeadamente na mata, mas que simultaneamente se mantenha o mais perto do original, como na zona do horto de recreio.

Quando se reconhecer necessário, ou o mais tardar após 50 anos, o plano de gestão deverá ser revisto, por parte de técnicos competentes, de modo a introduzir, de modo justificado, alterações necessárias, e melhorar as acções propostas.

Torna-se ainda importante referir outro aspecto que se prende com a pessoa que será responsável, na prática, pela manutenção do jardim. Num jardim, defende Feliù (1996), não basta ter um vigilante ou um jardineiro, é importante que quem executa esta tarefa tenha conhecimentos avançados sobre a natureza e história, e a capacidade de ensinar e instruir. Os jardins devem ser vistos como lugares onde se vive, aprende e treina, não meramente como locais a ser guardados.

5. Conclusão

O presente trabalho apresenta uma proposta de recuperação, em fase de estudo prévio, para a quinta da Herdade do Paicão. Este projecto surge da vontade dos proprietários em recuperar esta zona da herdade para área de recreio e como enquadramento futuro em projectos de turismo rural. Procedeu-se então a uma análise do local, da qual surgiu o conceito e o tema para a proposta. Foi à base desse conceito e tema que se desenvolveu o estudo prévio apresentado.

Iniciou-se o trabalho com uma análise ao espaço de intervenção, através do estudo da envolvente do espaço, da caracterização histórica da herdade, e através da análise dos diferentes sistemas que compõem o espaço de intervenção. Percebeu-se a existência de um microclima raro nesta paisagem, que alberga espécies como a cameleira e a magnólia. Através desta análise surge o conceito *Singularidade do exótico*, que pretende reforçar esta diferença determinada pelo microclima, assim como o tema *percursos*, que pretende encaminhar, os futuros utilizadores, por todo o espaço de intervenção, para dar a conhecer e apreciar esta singularidade.

Analisando a metodologia seguida, conclui-se ter sido uma abordagem correcta, para dar resposta aos objectivos propostos. Foi através de um profundo estudo do local, com pesquisas bibliográficas e análises *“in situ”*, que foi possível elaborar uma proposta fundamentada. O estudo da herdade, da Quinta e da sua envolvente revelaram factos que se tornaram em linhas orientadoras de todo o projecto, como a densificação da mata, recriação da horta e recuperação do sistema de rega antigo. Conclui-se que este conceito representa um conceito adequado, uma vez que se foi repetidamente confirmando ao longo da evolução do trabalho de projecto. Em relação à proposta de intervenção em si, esta não apresenta alterações significativas no desenho geral do jardim, uma vez que este ainda apresenta muitas das estruturas originais, apesar de num estado, por vezes, avançado de degradação. A proposta baseia-se maioritariamente na alteração da disposição dos elementos de vegetação arbórea e na recuperação de elementos arbustivos como sebes, pavimentos e elementos construídos. Se por um lado estas alterações não são muito significativas no desenho da quinta em geral, elas são-no ao nível do conceito e do aspecto final do espaço. Defende-se que estas alterações são essenciais para a revitalização da quinta e do seu potencial enquanto espaço de apoio ao turismo rural, recreio e reequilíbrio pessoal.

Estes espaços, as quintas de recreio, simbolizam a nobreza e riqueza dos proprietários. A existência deste tipo de quintas nas redondezas de Évora é parte integrante da história desta cidade, devendo por isso ser preservada. Com a introdução do turismo no leque de actividades na herdade, atribui-se mais uma função a este espaço. É este atribuir de funções que preserva viva os espaços antigos, como

também a memória da nossa história. Todo o conjunto da herdade, com o monte, e a quinta, representam a multifuncionalidade da Paisagem, à escala desta mesma herdade, que é retomada e reforçada pelas acções propostas, como a manutenção e ampliação da zona da mata, que se torna um elemento importante e de grande força na paisagem envolvente pelos seus valores ecológicos e climáticos, e também ao nível da herdade, pelo potencial económico, ambiental e cultural; as espécies exóticas presentes no jardim que se pretenderam valorizar e que representam um oásis numa paisagem envolvente dominada por espécies autóctones; a recuperação de zonas, elementos e sistemas (como sistema de rega e percursos) antigos que compõem a quinta e formam um conjunto de indeterminável valor cultural e patrimonial. É neste sentido que a temática da recuperação de jardins históricos é importante na disciplina da arquitectura paisagista, ou seja, na arte de ordenar o espaço exterior em relação ao homem, uma vez que, para além de criar um elemento de recreio, estabelece-se um equilíbrio entre os pilares da sustentabilidade: económico, social e ambiental.

Sendo este o primeiro projecto realista executado, sentiu-se um enorme prazer em colocar em prática alguns dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Este trabalho foi bastante interessante no que toca à análise efectuada, confirmando a importância de um conhecimento prévio do lugar onde se intervém. Sentiu-se a falta de conhecimentos mais profundos em algumas áreas, mas que deviam ser compensadas numa equipa pluridisciplinar por técnicos especializados. Por outro lado, os conhecimentos básicos de várias disciplinas que se adquiriram durante o curso são importantes, quer na análise do espaço de intervenção, quer numa posterior fase de projecto. Aquando da representação gráfica da proposta, sentiu-se alguma dificuldade em transmitir visualmente a proposta elaborada. Adquiriram-se então manuais de ilustração gráfica, de modo a colmatar esta dificuldade sentida. As perspectivas apresentadas são um primeiro reflexo das técnicas de ilustração aprendidas, e que despertaram um enorme prazer no desenho manual, antes inexistente. O contacto directo com os proprietários foi também importante, uma vez que estes transmitiram claramente os objectivos que pretendem atingir com a recuperação da Quinta.

No espaço apresentado existe uma relação directa entre zona de produção e zona de recreio. Nos dias que correm assiste-se a uma maior divisão entre estes dois elementos, uma vez que a produção é maioritariamente feita à grande escala e com recurso a fertilizantes químicos, que não são compatíveis com zonas de recreio. Ao longo do trabalho surgiu então a seguinte questão: deverá a arquitectura paisagista voltar a restabelecer essa ligação, ou será que o conceito da monocultura não prevê qualquer equilíbrio neste sentido? Esta questão poderá ser desenvolvida em trabalhos futuros, aplicando o conceito da multifuncionalidade aos espaços de recreio contemporâneos.

Podemos então concluir que, apesar de algumas limitações à realização de determinados passos no trabalho, foi possível apresentar um estudo prévio adequado ao espaço de intervenção.

6. Bibliografia

BOURDO Jr., E., (2003). *The Illustrated book of Trees – A visual guide to more than 250 species*. 2ª ed. London: Salamander Books.

CABRAL, F. TELLES, G., (2005). *A Árvore em Portugal*. 2ªed. Lisboa: Assírio & Alvim.

CANCELA d'ABREU, A. et al., (2004). *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental - Vol. I*. Lisboa: Direcção geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.

CARAPINHA, A., (1995). *Da essência do Jardim Português vol.I*. Tese de Doutoramento no ramo das Artes e Técnicas da Paisagem – Especialidade de Arquitectura Paisagista e Arte dos Jardins apresentada à Universidade de Évora, Évora. (policopiado)

CHOAY, F., (2000). *A alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70.

ESPANCA, T., (1966). *Inventário Artístico de Portugal – Concelho de Évora – Vol. VII*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

FELIÙ, C. et al., (1996). *Historic Gardens – Safeguarding a European heritage*. Brussels: European Commission.

HUMPHRIES, C. et al., (2005). *Árvores de Portugal e Europa*. 2ª ed. Porto: FAPAS, Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens e Planeta das Árvores.

LOURENÇO, M., (1999). *Das Quintas do baixo Alentejo – Significado histórico e social – Contributos para o seu conhecimento e salvaguarda*. Dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico apresentado à Universidade de Évora: Évora. (policopiado)

MAGALHÃES, M., (2001). *A arquitectura Paisagista – morfologia e complexidade*. Lisboa: Editorial Estampa.

MATOS, R., (1999). *Recuperação de Jardins Históricos em Portugal – Algumas reflexões*. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico apresentada à Universidade de Évora, Évora.

MOREIRA, J., (2008). *Árvores e Arbustos em Portugal*. Lisboa: Argumentum.

PEDROSA, N., (2004). *Herdade Paicão – Projecto de Implantação de Turismo Rural*. Prova de aptidão profissional apresentado à Escola Profissional da Profitecla, Lisboa

PICÃO, J., (1947). *Através dos Campos, usos e costumes agrícola-alentejanos*. 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

SUTHERLAND, W. HILL, D., (2007). *Managing habitats for conservation*. 8ª ed. Cambridge: Cambridge University Press.

TABORDA, C., (1993). *Jardins: da História e Recuperação*. Trabalho de fim de curso apresentado à Universidade de Évora, Évora.

Dicionários

MACHADO, J. ,(1990). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Vol. II*. 6ª ed. Lisboa: Livros Horizonte

Documentos

Directiva 92/43/CEE do conselho de 21 de Maio (Directiva Habitats), Plano Sectorial da Rede Natura_2000

PDME – Plano Director Municipal de Évora, em vigor desde 25 de Janeiro de 2008

Carta de solos nº 36-C e 40-A

Carta militar nº 448 e 459, do Instituto Geográfico do Exército

Web

GeneAll – Pesquisa de informação genealógica. Disponível em: <http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=58263> [acedido a 18.08.2010]

Google Maps ©2010 Google – Imagens ©2010 DigitalGlobe, GeoEye, IGP/DGRF. Disponível em: <<http://maps.google.pt>> [acedido a 25.05.2010]

IGEO – Instituto Geográfico Português. Consulta de secções Cadastrais: Distrito: Évora, Concelho: Évora, Freguesia: Nª Sª da Graça do Divor, Secção: AA. Disponível em: <http://www.igeo.pt/servicos/cic/cad_seccoes_rslt.asp?dist=07&conc=0705&freg=070502&seccao=aa> [acedido a 20.05.2010]

7. Anexos

Anexo I – Excerto do PDM de Évora

Regulamento do PDME

Artigo 39º

(Espaços de Protecção Ambiental)

Integra esta categoria o conjunto de solos que, em razão do seu interesse para o equilíbrio natural, para a conservação da natureza e da biodiversidade, ou do seu intrínseco valor paisagístico, devam ser preservados na sua condição natural, sendo fortemente condicionadas todas as actividades que diminuam ou alterem com carácter de irreversibilidade, a morfologia dos terrenos ou o acervo biológico neles existente, sem prejuízo das acções de preservação de fenómenos naturais nocivos, nomeadamente fogos florestais ou inundações.

Os espaços de Protecção Ambiental dividem-se em:

Zonas de Especial Valor Patrimonial;

Zonas de Protecção das Bacias de Alimentação de Albufeiras;

Espaços de Protecção da Avifauna

Zona de Parada Nupcial das Abetardas;

Áreas Envolventes às Albufeiras de Águas Públicas;

Os Espaços de Protecção Ambiental constituem, com as demais categorias de solo rural, parte da estrutura ecológica do concelho de Évora considerada essencial à sustentabilidade do território, devendo ser fomentadas boas práticas nos solos e actividades exercidas nestas áreas.

SECÇÃO V

Espaços de Protecção Ambiental

SUBSECÇÃO I

Zonas de Especial Valor Patrimonial

Artigo 125º

(Identificação e caracterização)

Incluem-se nestes espaços as zonas devidamente delimitadas na Planta Geral de Ordenamento, situadas a poente e norte da cidade e caracterizadas pela notável densidade e relevância histórica do património construído, cobertas por montados com elevada estabilidade e produtividade, que constituem *habitats* importantes para a conservação da natureza e a biodiversidade, tendo em conta a ocorrência de espécies prioritárias.

Artigo 126º

(Intervenções admitidas)

Nestes espaços só são admitidas intervenções compatíveis com a salvaguarda e valorização dos patrimónios natural, arqueológico e construído, prevalecendo as funções de protecção e recuperação sobre as de produção em caso de conflito.

São apoiadas e estimuladas nestes espaços as actividades de educação ambiental ou de investigação que visem aprofundar o conhecimento dos recursos naturais e sensibilizar para a necessidade da sua preservação numa óptica de desenvolvimento sustentável.

É permitida a caça ordenada.

Artigo 128º

(Usos e actividades proibidas)

Não são admitidas:

- d) A introdução de espécies arbóreas e arbustivas infestantes;
- e) A destruição de vegetação, desde que não integrada nas correntes operações culturais.

Artigo 129º

(Edificabilidade)

São autorizadas e apoiadas, nos termos do disposto no presente regulamento, as acções de recuperação e requalificação de edifícios e conjuntos edificados existentes, nestes espaços, nomeadamente os de valores patrimonial, bem como o seu aproveitamento para actividades de turismo, educação ambiental, investigação, práticas desportivas e de lazer ao ar livre ou outros usos compatíveis com os objectivos gerais de ordenamento definidos na presente subsecção.

Na instalação de eventuais apoios á actividade agrícola e florestação e de empreendimentos turísticos, desportivos e outros que deverão orientar-se para a promoção de actividades de turismo ligado á natureza e recreativas ao ar livre não motorizadas, são aplicáveis, com as necessárias adaptações, os condicionamentos previstos nos artigos 82º e 84º. (estes dois artigos referem-se principalmente à edificabilidade de empreendimentos turísticos).

Artigo 130º

(Sítio de Importância Comunitária Monfurado)

Encontra-se delimitada na Planta de Condicionantes a parcela do território municipal abrangida pelo Sítio de Importância Comunitária (SIC) Monfurado integrado na lista de Sítios de Importância Comunitária da região biogeográfica mediterrânica, de acordo com a Decisão da Comissão 2006/613/CE de 19 de Julho de 2006.

A autorização de intervenções nos SIC Monfurado carece do parecer prévio das entidades públicas com competências nos domínios da conservação da natureza e da protecção da biodiversidade.

Anexo II - Excertos do Anexo IV do PDME – Inventário do Património Arquitectónico e Arqueológico Concelhio:

#1034 n.cl.	Identificação: Paicão Rigor de localização: Bom Descrição: Domentes de mós manuais de vaivem Época: romana	A ₃
#1066 a.cl.	Identificação: Anta do Paço Rigor de localização: Bom Descrição: Topo de oito esteios aparecendo à superfície de uma mamoa bem conservada Época: Neolítico/Calcolítico	A ₁
#1067 n.cl.	Identificação: Courelas Rigor de localização: Razoável Descrição: Estrutura em forma de “oito” Época: Indeterminada	A ₃
#1091 n.cl.	Identificação: Monte do Paicão Rigor de localização: Bom Descrição: Casa rústica de um só piso, cuja frente apresenta oito janelas vulgares de granito. Possui amplo terraço fronteiro, do qual se desce por escadário de dois lanços laterais para pátio solarengo abandonado, murado e fechado por três portais de granito. Adjacente ao pátio encontra-se a casa da carruagem de 1792. Época: XVIII	E ₃ / V ₂
#1146 a.cl.	Identificação: Menir (?) de Paicão Rigor de localização: GPS Descrição: grande bloco de granito, com cerca de 3.90m de comprimento, por 3m de espessura máxima; apresenta-se inclinado e com a base ligeiramente enterrada. Época: Neolítico (?)	A ₂
#1150 n.cl.	Identificação: Paicão 2 Rigor de localização: 1:25 000 Descrição: Cerâmica de fabrico manual; percutores. Época: Pré ou Proto-histórica	A ₂

- #1152** Identificação: Paicão 1 A₁
n.cl. Rigor de localização: 1:25 000
Descrição: Cerâmica de fabrico manual (decoração impressa, incisa e plástica);
lascas de sílex.
Época: Neolítico Antigo / Médio
- #1179** Identificação: Paicão 3 A₂
n.cl. Rigor de localização: GPS
Descrição: Cerâmica de fabrico manual; sílex e possível polidor
Época: Pré ou Proto-histórica

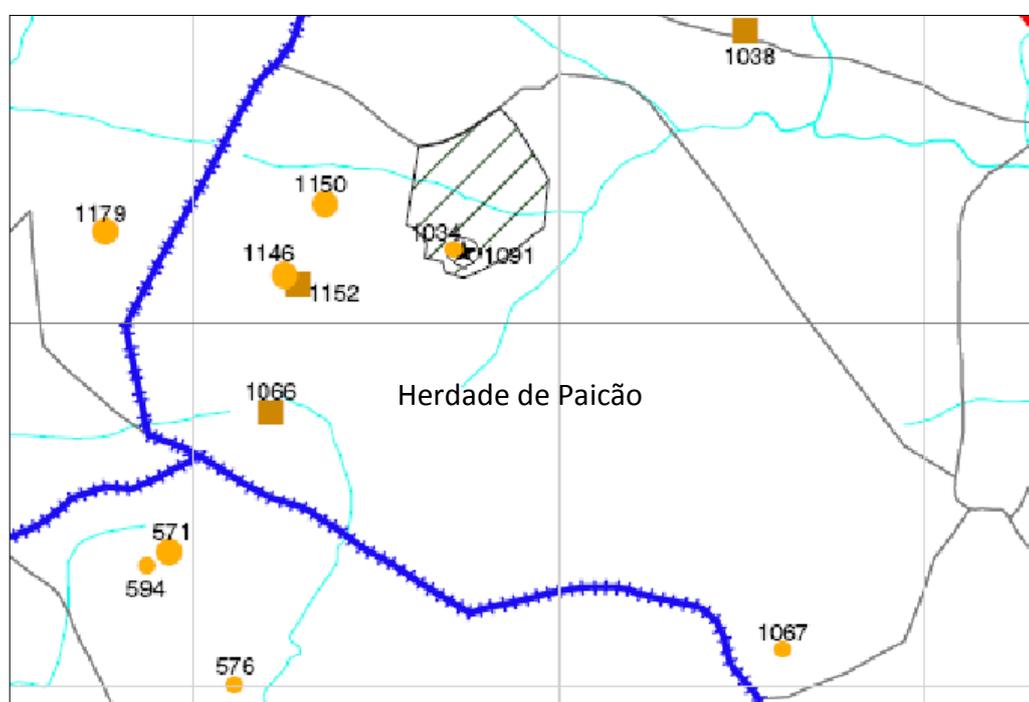


Figura 44 – Localização dos elementos do inventário do património Arquitectónico e Arqueológico Concelhio, na herdade do Paicão (Fonte: PDMÉvora•Planta complementar do ordenamento – Património Arquitectónico e Arqueológico Concelhio, elaborado em Dezembro de 2007)

Anexo III – Levantamento dos elementos construídos.

A localização dos elementos descritos relaciona-se com a numeração da planta de localização 14, na página 82.

Bancos



Figura 45 – Elemento construído B1

Localização: Central, ponto de chegada de um eixo. 5

Descrição: Banco semicircular, ornamentado, com uma saída de água no centro, personificada e encimada com a data de 1852.

Estado de conservação: Mau; por trás do banco a vegetação levanta o elemento e causa quebras e fendas na construção.

Proposta: Remoção da vegetação que coloca em causa a estrutura. Recuperação geral, pintura.



Figura 46 - Elemento construído B2

Localização: Zona de entrada no espaço.

Descrição: Banco de forma curva, antigo, apresenta alguns ornamentos.

Estado de conservação: Bom; apresenta pequenas fendas superficiais.

Proposta: Recuperação geral, limpeza e pintura.



Figura 47 - Elemento construído B3

Localização: Zona de entrada no espaço.

Descrição: Banco com planta rectilínea. Construção recente., apresenta alguns ornamentos.

Estado de conservação: Bom.

Proposta: Limpeza geral e pintura.



Figura 48 - Elemento construído B4

Localização: Zona de entrada no espaço.

Descrição: Banco com planta rectilínea, construção recente, apresenta poucos ornamentos.

Estado de conservação: Bom.

Proposta: Limpeza geral e pintura.



Figura 49 - Elemento construído B5a

Localização: Zona de entrada na mata.

Descrição: Dois bancos na zona de entrada da mata; parte integrante da ponte construída neste local, com um banco de cada lado. Construção recente, pouco ornamentada. Assento com ladrilhos.

Estado de conservação: Bom.

Proposta: Limpeza geral e pintura, recuperação de ladrilhos.



Figura 50 - Elemento construído B5b



Figura 51 - Elemento construído B6

Localização: Centro Norte, zona de estadia.

Descrição: Banco simples e antigo, apoios em cimento e assento em pedra natural.

Estado de conservação: Bom; envolvente degradada e não definida.

Proposta: Limpeza da pedra e limpeza e pintura dos apoios.



Figura 52 - Elemento construído B7

Localização: Centro Norte, zona de estadia.

Descrição: Banco simples e antigo. Apoios em cimento e assento em pedra natural.

Estado de conservação: Bom, mas soterrado; envolvente degradada.

Proposta: Limpeza da pedra e limpeza e pintura dos apoios. Estabilização do talude por detrás do banco.



Figura 53 - Elemento construído B8

Localização: Centro Norte, zona de estadia.

Descrição: Banco com forma curva, apresenta alguns ornamentos. Assento em lajes.

Estado de conservação: Bom; alguma vegetação envolvente com risco de danificar a construção.

Proposta: Controlo da vegetação na envolvente próxima, limpeza geral do banco e pintura.



Figura 54 - Elemento construído B9

Localização: Centro Norte, zona de estadia.

Descrição: Banco elevado na zona do horto de recreio; acesso por conjunto de degraus de ambos os lados; estrutura simétrica.

Estado de conservação: Mau; estrutura em risco devido ao sistema radicular da vegetação arbustiva.

Proposta: Remoção da vegetação que coloca em risco o elemento; recuperação e estabilização da estrutura.



Figura 55 - Elemento construído B10

Localização: Zona Oeste no espaço.

Descrição: Conjunto de uma mesa e três bancos. Elementos com apoios em cimento e assentos em pedra natural. Aspecto recente.

Estado de conservação: Bom; vegetação envolvente pode ameaçar estrutura.

Proposta: Remoção da vegetação envolvente, limpeza geral e pintura; recuperação do acesso a este elemento.



Figura 56 - Elemento construído B11

Localização: Junto ao elemento de água a Noroeste no espaço.

Descrição: Banco simples com quatro apoios em pedra pintada e assento em pedra natural.

Estado de conservação: Bom.

Proposta: Limpeza geral e pintura dos apoios.



Figura 57 - Elemento construído B12

Localização: Junto ao elemento de água a Noroeste no espaço.

Descrição: Fragmento de banco simples com aspecto recente. Apoios em cimento e assento em pedra natural.

Estado de conservação: Mau; bastante degradado.

Proposta: Recuperação e reconstituição do elemento, com base no banco adjacente a este.



Figura 58 - Elemento construído B13

Localização: Central, no eixo que percorre o espaço no sentido Norte-Sul.

Descrição: Dois bancos em granito no interior do caramanchão. Bancos simples com três apoios e assento em granito.

Estado de conservação: Bom.

Proposta: Limpeza geral.



Figura 59 - Elemento construído B14

Localização: na zona Sudeste do espaço.

Descrição: Banco contínuo em alvenaria, com forma semicircular.

Estado de conservação: Bom.

Proposta: Limpeza.

Elementos de água



Figura 60 - Elemento de água A1

Localização: Zona de estadia a Noroeste.

Descrição: Cascata e elemento de água com forma orgânica.

Estado de conservação: Mau, coberto com vegetação que põe em causa a estrutura do elemento e da cascata.

Proposta: Remoção da vegetação, recuperação do sistema de adução da água, pela cascata.



Figura 61 - Elemento de água A2

Localização: Sudoeste, no centro do jardim de buxo.

Descrição: Elemento de água em forma de polígono. Adução efectuada pelo centro do elemento.

Estado de conservação: Razoável. Construção do tanque em bom estado, estrutura central poderá ter sido uma estátua, agora destruída.



Figura 62 - Elemento de água A3

Localização: Centro Norte, zona de estadia.

Descrição: Pequena cascata, associada aos bancos existentes neste local. Decoração com embrechados.

Estado de conservação: Razoável. Embrechados degradados, existência de vegetação como potencial factor de destruição do elemento.

Proposta: Remoção da vegetação, recuperação dos embrechados e do sistema de adução.



Figura 63 - Elemento de água A4

Localização: Centro Norte, zona de estadia.

Descrição: Elemento de água circular no centro da zona de estadia. Apresenta uma pequena ilha.

Estado de conservação: Razoável. Ligeiramente degradado pela existência de aves domésticas e pela pouca manutenção.

Proposta: Limpeza do elemento e da água, remoção das aves, colocação de um elemento escultórico ou vegetal de menores dimensões no centro do elemento.



Figura 64 - Elemento de água A5

Localização: Norte Oeste do espaço.

Descrição: Maior tanque de água no espaço, de formato funcional, porém com elementos de fruição associados, como ornamentos e um banco.

Estado de conservação: Razoável. Estrutura de retenção em bom estado, mas elemento em si apresenta-se degradado.

Proposta: Recuperação de partes do elemento como a guarda destruída no seu extremo Norte; limpeza geral e pintura.



Figura 65 - Elemento de água A6

Localização: Zona mais a Sudoeste.

Descrição: Represa de água, formando um pequeno lago.

Estado de conservação: Bom. Apresenta alguma vegetação que poderá destruir a estrutura.

Proposta: Remoção da vegetação envolvente que apresente perigo de estabilidade no elemento.



Figura 66 - Elemento de água A7

Localização: Extremo Este do espaço.

Descrição: Poço com edifício associado. Importante fonte de água.

Estado de conservação: Bom. Apresenta deficiência na manutenção e limpeza.

Proposta: Limpeza da água e do muro.



Figura 67 - Elemento de água A8

Localização: Extremo Oeste do espaço.

Descrição: Mãe de água, fonte de água a maior cota no espaço.

Estado de conservação: Bom, estrutura envolvente ligeiramente degradada.

Proposta: Recuperação da estrutura envolvente, limpeza e pintura. Recuperação da estrutura de distribuição de água proveniente deste elemento de captação.

Outros elementos construídos



Figura 68 - Elemento construído C1

Localização: Zona a Sudoeste.

Descrição: Edifício de apoio ao jardim, recuperado.

Estado de conservação: Bom.

Proposta: Utilização como apoio do jardim.



Figura 69 - Elemento construído C2

Localização: Noroeste, adjacente ao elemento de água.

Descrição: Pequena ponte sobre o elemento de água. Em pedra natural, forma orgânica.

Estado de conservação: Razoável. Ainda exerce a sua função como ponte, mas apresenta níveis de degradação no material constituinte, fortemente ameaçado pela vegetação.

Proposta: Remoção da vegetação, recuperação das zonas degradadas.



Figura 70 - Elemento construído C3

Localização: Várias.

Descrição: Estrutura de atravessamento sobre as valas de drenagem, em pedra.

Estado de conservação: Bom. Mas estrutura inexistente em algumas passagens.

Proposta: Recuperação e estabilização destes elementos, e criação nas passagens necessárias.



Figura 71 - Elemento construído C4

Localização: Central, no eixo que percorre o espaço no sentido Norte-Sul.

Descrição: Caramanchão, estrutura circular em ferro, que serve de apoio a plantas trepadeiras.

Estado de conservação: Bom.

Proposta: Pintura da estrutura de modo a prevenir a degradação, poda regular das trepadeiras.



Figura 72 - Elemento construído C5

Localização: Adjacente ao elemento de água No centro Oeste.

Descrição: Conjunto de degraus que vencem a diferença de nível entre duas zonas.

Estado de conservação: Mau.

Proposta: Recuperação dos degraus no local como usufruto para o mesmo fim.



Figura 73 - Elemento construído C6

Localização: Envolve a quase toda a quinta.

Descrição: Muro em pedra. Único elemento construído linear.

Estado de conservação: Razoável. Encontra-se bastante degradado em alguns troços, e bem conservado noutros.

Proposta: Recuperação do muro nos troços degradados, e limpeza geral.

Planta 14/14

Anexo IV – Lista das espécies arbóreas e arbustivas presentes no espaço de intervenção, com listagem das suas principais características, de acordo com Moreira (2008).

N.Botânico	N.Vulgar	Altura	Diâmetro	Proposta	Existente	Folhagem
<i>Acer campestre</i>	Bordo comum	12	8		*	Caduca
<i>Alnus glutinosa</i>	Amieiro	25	8	*		Caduca
<i>Buxus microphylla</i>	Buxo de folha pequena	0,8	1,5		*	Persistente
<i>Buxus sempervirens</i>	Buxo	5	4		*	Persistente
<i>Camellia japonica</i>	Camélia	6	5		*	Persistente
<i>Castanea sativa</i>	Castanheiro	25-30	15-20		*	Caduca
<i>Celtis australis</i>	Lodão	20	20		*	Caduca
<i>Citrus sinensis</i>	Laranjeira	6-12	3-5		*	Persistente
<i>Cupressus macrocarpa</i>	Cedro-de-Monterey	25-30	4-12		*	Persistente
<i>Eriobotrya japonica</i>	Nespereira	6-8	6		*	Persistente
<i>Eucalyptus globulus</i>	Eucalipto	15-25	8-20		*	Persistente
<i>Ficus carica</i>	Figueira	3-8	10		*	Caduca
<i>Fraxinus excelsior</i>	Freixo	25	12		*	Caduca
<i>Hydrangea macrophylla</i>	Hortênsia	2	2,5		*	Caduca
<i>Lagerstroemia indica</i>	Flor-de-merenda-vermelha	7	8		*	Caduca
<i>Laurus nobilis</i>	Loureiro	8-12	5		*	Persistente
<i>Magnolia grandiflora</i>	Magnólia	18-22	15-20		*	Persistente
<i>Myrtus communis</i>	Murta	1,5-4,5	1,5-4		*	Persistente
<i>Olea europaea var.europaea</i>	Oliveira	10-15	10		*	Persistente
<i>Phyllostachys spp</i>	Bambu	3	2-3		*Remover	Persistente
<i>Pitosporum tobira</i>	Pitospóro-da-china	3-8	2-3		*Remover	Persistente
<i>Platanus x hispanica</i>	Plátano	30	20		*	Caduca
<i>Populus nigra</i>	Choupo negro	25-30	8-20	*		Caduca
<i>Punica granatum</i>	Romanzeira	3-6	3-5		*	Caduca
<i>Pyrus communis</i>	Pereira	10-15	10		*	Caduca
<i>Quercus suber</i>	Sobreiro	10-15	12-20		*	Persistente
<i>Rhamnus frangula</i>	Sanguinho da água	4-5	4-5	*		Caduca
<i>Rosa spp</i>	Roseira	0,6	0,6		*	Caduca
<i>Ruscus aculeatus</i>	Gilbardeira	0,8-1,2	0,7-1		*	Persistente
<i>Salix alba</i>	Salgueiro branco	15-20	10	*		Caduca
<i>Salix atrocinerea</i>	Borrazeira negra	15-20	10	*		Caduca
<i>Salix fragilis</i>	Salgueiro frágil	15-25	15	*		Caduca
<i>Salix salviifolia</i>	Borrazeira branca	6	5	*		Caduca
<i>Schinus molle</i>	Pimenteira-bastarda	6-14	2/3		*Remover	Persistente
<i>Tilia cordata</i>	Tília	25	15		*	Caduca
<i>Ulmus minor</i>	Ulmeiro	30	20		*	Caduca
<i>Viburnum tinus</i>	Folhado	3-5	2,5-3		*Remover	Persistente

Notas: